



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Coordenadoria Especial de Museologia
Curso de Graduação em Museologia

Projeto Pedagógico do Curso de Graduação
Bacharelado em Museologia

Florianópolis

2015

SUMÁRIO

1. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
2. O CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
3. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO
4. MARCO TEÓRICO/ JUSTIFICATIVA
5. OBJETIVOS DO CURSO
6. PERFIL DO EGRESSO
7. INGRESSO E VAGAS
8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO
9. CORPO DOCENTE
10. ORGANIZAÇÃO E INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR
 - 10.1. MATRIZ CURRICULAR – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS
 - 10.2. MATRIZ CURRICULAR – DISCIPLINAS OPTATIVAS
 - 10.3. COMPONENTES DE INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR
 - 10.4. REGIMENTOS INTERNOS
 - 10.4.1. ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E NÃO - OBRIGATÓRIO
 - 10.4.2. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 - 10.4.3. ATIVIDADES COMPLEMENTARES
11. SUPORTE PARA FUNCIONAMENTO DO CURSO
 - 11.1. RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS
 - 11.2. BIBLIOTECA
 - 11.3. LABORATÓRIOS
 - 11.3.1. LABORATÓRIO DE COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA E PRÁTICAS EXPOGRAFICAS
 - 11.3.2. LABORATÓRIO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
 - 11.3.3. LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO E PROCESSOS INFORMACIONAIS
 - 11.4. ESPAÇO DE GUARDA/RESERVA TÉCNICA
 - 11.5. ESPAÇO DE PRÁTICA EXPOGRAFICA
12. POLÍTICAS AFIRMATIVAS
13. POLÍTICA DE ASSESSIBILIDADE E APOIO DA UFSC

ANEXOS

ANEXO I – PORTARIA DE NOMEAÇÃO DO NDE

ANEXO II – REGULAMENTO DE ESTÁGIOS

ANEXO III – REGULAMENTO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANEXO IV – REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

ANEXO V – MATRIZ CURRICULAR – FLUXOGRAMA

ANEXO VI – EMENTAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

ANEXO VII – EMENTAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

1. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

A Universidade Federal de Santa Catarina tem seu início na década de 1960, tendo como marco legal de sua criação a Lei n.º 3.849, de 18 de dezembro de 1960. O Estado de Santa Catarina passava nesta década por um significativo processo de crescimento econômico, onde podemos destacar o desenvolvimento de setores industriais em importantes cidades do Estado, configurando um panorama favorável para a expansão do ensino superior e o avanço científico.

O projeto inicial, em Santa Catarina, era o de uma universidade estadual, o que foi realizado cinco anos após a criação da UFSC, por meio da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), hoje denominada Universidade do Estado de Santa Catarina. A história das duas universidades pioneiras do estado esteve, portanto, interligada desde o início. Nesse conjunto, a UFSC tem sido a única universidade federal no estado. Presentemente, a UFSC é a instituição tutora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), uma universidade regional que engloba o oeste dos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Essa nova universidade federal teve o início de suas atividades de ensino previsto para o primeiro semestre letivo de 2010. Assim como outras universidades patrocinadas pela União, a Universidade de Santa Catarina ganhou a denominação de universidade federal pela Lei 4.759, de 20 de agosto de 1965. Com a reforma universitária de 1969 (Decreto 64.824, de 15/07/1969), a Universidade adquiriu a estrutura administrativa atual. As faculdades deram lugar às unidades universitárias, com a denominação de centros, os quais agregam os departamentos. Atualmente, a UFSC – campus Florianópolis, conta com um total de onze Centros:

1. Centro de Ciências Agrárias (CCA),
2. Centro de Ciências Biológicas (CCB),
3. Centro de Ciências da Educação (CED),
4. Centro de Ciências da Saúde (CCS),
5. Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM),
6. Centro de Ciências Jurídicas (CCJ),
7. Centro de Comunicação e Expressão (CCE),
8. Centro de Desportos (CDS),
9. Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH),

10. Centro Sócio-Econômico (CSE),

11. Centro Tecnológico (CTC).

Por conta dessa reforma, algumas das faculdades foram reunidas para formar novos centros, como foi o caso das faculdades de Farmácia, de Odontologia e de Medicina que formam o atual Centro de Ciências da Saúde. As faculdades de Ciências Econômicas e de Serviço Social constituem o atual Centro Sócio-Econômico. Em 13 outros casos, houve desagregação para a criação de novos centros como o da Faculdade de Filosofia que resultou nos atuais centros de Filosofia e Ciências Humanas e de Comunicação e Expressão. Centros que surgiram posteriormente são os de Ciências Agrárias e de Desportos. No ensino básico, o Colégio de Aplicação da UFSC foi criado em 1961. Atende ao ensino fundamental e médio, proporcionando também campo de estágio supervisionado e de pesquisa para alunos e professores da UFSC e de outras instituições públicas. Desde 1980, com a criação de um Núcleo de Desenvolvimento Infantil, vinculado ao Centro de Ciências da Educação, a UFSC atua também nesse nível educacional.

A participação da UFSC no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) em 2008 permitiu de forma significativa a oferta de novos cursos e vagas. Com base nos recursos desse programa, a UFSC também criou e instalou, em 2009, os novos campi de Araranguá, Curitibanos e Joinville. No contexto do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), a educação superior baliza-se pelos seguintes princípios complementares:

- i) expansão da oferta de vagas,
- ii) garantia de qualidade,
- iii) promoção de inclusão social pela educação,
- iv) ordenação territorial, permitindo que ensino de qualidade seja acessível às regiões mais remotas do País, e
- v) desenvolvimento econômico e social, fazendo da educação superior, seja enquanto formadora de recursos humanos altamente qualificados, seja como peça imprescindível na produção científico-tecnológica, elemento-chave da integração e da formação da Nação.

Neste intuito e em concordância com o REUNI, é criado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, com ingresso em 2010, o Curso de Graduação em Museologia.

2. O CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

A formação do museólogo desenvolve-se no exercício crítico das práticas de coleta, documentação, conservação, preservação e comunicação de bens culturais em contextos de acervos museológicos. Tal exercício crítico é a base inicial do curso de Museologia da UFSC, que investe num diálogo mais próximo das grandes áreas de Antropologia e História, entendidas em seus sentidos amplos. A formação de profissionais, a partir desta proposta, aposta na pesquisa e no desenvolvimento de ações museológicas voltadas para a diversidade como característica central dos patrimônios culturais em questão no campo museal.

A partir de 1998, como mostra a memória institucional da Universidade, registram-se no CFH projetos de criação de um curso de graduação em Museologia na UFSC, com especial envolvimento do Departamento de Antropologia e posteriormente, do Departamento de História. Tais projetos surgem a partir do próprio desenvolvimento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) na Universidade Federal de Santa Catarina, que é ligado à trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral, criado nos anos 1968, a partir do Instituto de Antropologia da UFSC. Como detalha o projeto pedagógico original do Curso de Graduação, Bacharelado em Museologia, de 2009, registram-se entre 2004 e 2008 esforços dos departamentos de Antropologia e História, em diálogo com outros centros de ensino da UFSC, para consolidação de um projeto de curso de graduação em Museologia em sintonia com a formação oferecida pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Em 2009 foi criado o Curso de Graduação – Bacharelado em Museologia - no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo iniciado suas atividades em 2010 com o ingresso da primeira turma de estudantes, a contratação de docentes nos departamentos de Antropologia e de História, início das atividades letivas, formação do Colegiado assim como do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso.

Nos primeiros anos, a estrutura do curso correspondeu a uma relação muito próxima ao também recém criado curso de graduação - Bacharelado em Antropologia, estando a estrutura administrativa do curso a cargo do Departamento de Antropologia. Ainda que o curso de Museologia tivesse disciplinas e questões pedagógicas específicas, ambos os cursos partilhavam uma mesma Secretaria e Coordenação, assim como um número de disciplinas oferecidas pelo Departamento de Antropologia voltadas para temas em comum aos dois cursos. Da mesma maneira, o Departamento de História ofereceu disciplinas com temas comuns na formação de historiadores e museólogos.

Nestes primeiros anos realizou-se também um intenso diálogo com profissionais envolvidos com a temática dos museus, atuantes em políticas culturais dos museus e da memória em instituições brasileiras já consolidadas e nos novos cursos de graduação em museologia, recém criados em outras universidades brasileiras. Em 2011, após os primeiros esforços por parte do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado do curso na avaliação das atividades iniciais do curso, realizou-se o primeiro ajuste curricular, com a participação de docentes, discentes e técnicos administrativos atuantes no curso.

Em 2013, com o crescimento da comunidade acadêmica, realiza-se a contratação de novos docentes com formação específica na área da Museologia e a institucionalização de uma Coordenação e uma Secretaria, específicas para o curso, além da criação de um Coordenadoria Especial de Museologia, no CFH, para administração da estrutura do curso, que até então estava a cargo do Departamento de Antropologia. Também em 2013 iniciou-se o processo de reconhecimento do curso, por parte do Ministério da Educação, tendo sido realizada visita local em Setembro.

Em 2014, resultante da avaliação do curso, houve a necessidade um Protocolo de Compromisso firmado entre a UFSC e o MEC, com uma série de ações voltadas para a consolidação da estrutura do curso. Entre tais ações está a elaboração de uma nova estrutura curricular para o curso, tanto no que tange estrutura física – laboratórios de ensino – quanto ações de reelaboração de Projeto Político Pedagógico, Matriz Curricular e bibliografias pertinentes a área. Adequações realizadas, novamente, em diálogo com docentes, discentes e técnicos administrativos atuantes na graduação em Museologia.

Elaborada em 2014 e 2015, a proposta mantém-se fiel a seu diálogo inicial com as áreas da Antropologia e da História, ampliando a formação específica na Museologia e abrindo um diálogo com outras áreas importantes para a formação do museólogo.

3. NÚCLEO DOSCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO

As atividades do Núcleo Docente Estruturante estão regulamentadas pela Resolução nº01 de 17/06/2010 que Normatiza o mesmo, sendo composto por cinco docentes do curso: Professoras Luciana Silveira Cardoso – Presidenta; Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes e Letícia Borges Nedel bem como pelos Professores Rafael Victorino Devos e Wagner Miquéias Félix Damasceno, representantes dos Departamentos de Antropologia e de História, e a Coordenadoria Especial de Museologia. (Portaria de Nomeação em Anexo)

As atividades do NDE tiveram início em 2010 a partir do ingresso da primeira turma, contando com a participação de Professores, Técnicos e Discentes, entretanto, conforme normatização da Resolução CONAES 01/2010, tal formação não estava de acordo. Desta forma, desde o final de 2013 o NDE conta com a formação citada acima.

Ao longo dos últimos anos várias foram as ações em prol da realização de alterações significativas para o desenvolvimento do curso e garantia do seu caráter interdisciplinar. Como resultado de tantas análises temos a construção deste Projeto Político Pedagógico, com vigência a partir de 2016.

4. MARCO TEÓRICO/ JUSTIFICATIVA

A origem etimológica do termo *museologia* nos informa que se trata do *estudo do museu*. De fato, a trajetória da Museologia está intimamente ligada ao museu, entretanto, o surgimento do museu moderno e da Museologia separam-se por mais de dois séculos. O próprio termo *museografia* é anterior à *museologia*, datando das primeiras décadas do século XVIII (1727) e possuindo, para Desvaillées e Mairesse (2009), três acepções que convergem sempre para aspectos práticos e técnicos: seja

como, correntemente, aplicação prática de princípios museológicos, seja como arte de expor ou como descrição dos conteúdos de um museu.

A Museologia é uma ciência marcadamente interdisciplinar e, como prova disto, bastaria evocarmos a diversidade de tipologias de museus existentes. No entanto, é fundamental dizer que a Museologia erige-se no diálogo permanente com diferentes disciplinas científicas e campos do conhecimento tais como Antropologia, Arquitetura, Biologia, Ciência da Informação, Filosofia, História, História da Arte e Sociologia. E assim o é tendo em vista as necessidades de compreender e atuar numa realidade cuja totalidade é caracterizada pelo signo da *complexidade*.

Localizada nos marcos das Ciências Sociais Aplicadas, a Museologia caracteriza-se por elaborar a partir da teoria e dos métodos dessas diferentes disciplinas sínteses próprias, voltadas à realidade, seja na prática expográfica, na documentação museológica, nas ações de conservação e preservação ou nas ações culturais e educativas.

Historicamente, os museus e a museologia – incluindo a brasileira – estão ligados ao Estado. Se, por um lado, os museus modernos são insígnias instituições surgidas das revoluções burguesas europeias, por outro, a formação da Museologia deu-se subvencionada pelo Estado na forma de cursos em Museus públicos e sob forte orientação positivista.

Nas palavras de Ivan Coelho de Sá:

Pode-se dizer que o nascimento dos “modernos” arquivistas, bibliotecários e museólogos oitocentistas está diretamente ligado às transformações de base acionadas pela Revolução Francesa, marcadas, sobretudo, pela afirmação da nacionalidade e a consequente ideia de nacionalização do patrimônio (2013, p. 35).

No Brasil, a criação do Curso Técnico do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1922, antecedeu em cinco anos ao curso de museografia da École du Louvre. Contudo, foi o curso francês que imprimiu uma matriz curricular que moldaria a formação mundo a fora, incluindo-se o Curso de Museus do MHN, em 1932 (SÁ, 2013). A despeito da,

ainda, tímida presença da Museologia na trajetória das ciências no país, é importante destacar que o surgimento de um curso superior em Museologia foi contemporâneo ao surgimento da própria Universidade Pública brasileira que data de sua primeira unidade em 1912, no Amazonas.

O Curso de Museologia da atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro é herdeiro do Curso de Museus do MHN e permaneceu, por mais de três décadas, como o único desta natureza. Em 1969 foi criado o Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Por quatro décadas, estes foram os únicos cursos de graduação com atividades ininterruptas no país.

Atualmente, experimentamos, uma significativa expansão do número de cursos universitários de Museologia no Brasil, do qual o Curso de Graduação em Museologia, da UFSC, de 2010, faz parte. Em 2005 haviam apenas três cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) no país, e em 2011 já havia o registro de quinze cursos em IES, sendo que quatorze eram em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

De acordo com a publicação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), *Museus em Números*, 67,2% dos museus no Brasil são públicos. Por seu turno, 61% desses museus são municipais. Além disso, as 3.025 instituições museológicas mapeadas obedecem a seguinte distribuição: 146 para o Norte, 622 para o Nordeste, 1.151 para o Sudeste, 878 para o Sul e 218 para a região Centro-Oeste. Evidenciando, assim, que mais da metade dos museus brasileiros estão concentrados nas regiões sul e sudeste do país.

Além disso, segundo dados do Cadastro Nacional de Museus, o estado de Santa Catarina possui um museu para cada 29.479 habitantes, a terceira menor proporção no País, superada apenas pelos estados do Rio Grande do Sul e do Acre.

Isso cativa o Curso de Museologia da UFSC, ao pô-lo frente a um cenário de oportunidades e responsabilidades.

Muito já foi dito sobre a crise dos museus e o esgotamento da sua forma. Mas assim como a Escola – outra instituição tipicamente moderna – os museus atravessaram séculos de grandes transformações e nada realmente indica que deixarão de existir. Ao

contrário, com o aprofundamento das contradições das sociedades contemporâneas, os museus tem sido apropriados e ressignificados por diferentes classes e segmentos sociais, como demonstração de que as lutas do presente necessitam de narrativas museológicas.

Walter Benjamin, um dos maiores intérpretes da modernidade, declarava na Tese VII, *Sobre o Conceito de História*, que todo monumento da cultura é, ao mesmo tempo, um monumento da barbárie. Frente a isso, Benjamin propôs como tarefa do historiador crítico “escovar a história a contrapelo”. Para nós, tal proposta pode ser aplicada à Museologia e às museólogas e museólogos.

Atentos à pluralidade de perspectivas museais, mas cientes dos antagonismos e dos conflitos postos em nossa sociedade é que firmamos o compromisso na construção de um Curso de Museologia capaz de formar profissionais aptos a atuar nos espaços museológicos nacionais e internacionais com responsabilidade social e compromisso ético.

5. OBJETIVOS DO CURSO

Tendo por base uma formação interdisciplinar, o curso de graduação em Museologia da UFSC objetiva formar de maneira qualificada bacharéis capacitados para identificar e analisar processos museológicos, além de desempenhar atividades de pesquisa, preservação e comunicação para o campo do Patrimônio, compreendendo o museu como um fenômeno podendo assim atuar de maneira responsável sobre o patrimônio tangível e intangível.

6. PERFIL DO EGRESSO

Conforme as diretrizes curriculares para os cursos de Museologia, definidas no Parecer do Conselho Nacional de Educação - CNE / Câmara Superior de Educação – CSE 492/2001, p 37:

a formação do museólogo supõe o domínio dos conteúdos da Museologia e a preparação para enfrentar com proficiência e

criatividade os problemas de sua prática profissional, especialmente, aqueles que demandem intervenções em museus, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural.

Portanto, entende-se que o Bacharel em Museologia deverá basear sua atuação no campo museal, entendendo-se o Museu como um fenômeno cultural e social, atuando nos campos da Museologia e do Patrimônio, realizando o planejamento, a execução e o acompanhamento de projetos e políticas culturais vinculados ao patrimônio natural e cultural, material e imaterial.

Neste sentido, o formado no Bacharelado em Museologia da UFSC estará capacitado para:

- a) Promover a interdisciplinaridade da museologia com os outros campos do conhecimento;
- b) Atuar junto a museus e/ou instituições de memória e identidade cultural, públicas ou privadas;
- c) Agir em prol da conservação, do estudo e da comunicação do patrimônio;
- d) Realizar estudos, pesquisas e demais atividades voltadas á valorização dos museus;
- e) Incitar e dar apoio a iniciativas de formação de espaços museais e ações de guarda de memória e patrimônio;
- f) Estar apto, através da formação generalista obtida, a compreender e traduzir na museologia o patrimônio cultural nas suas variadas manifestações.

7. INGRESSO E VAGAS

O ingresso no Curso de Graduação em Museologia é anual, com entrada no primeiro semestre letivo de cada ano, e seguirá as diretrizes definidas pelo Conselho Universitário e Câmara de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, não havendo outras formas de ingresso senão as definidas pelos órgãos deliberativos, sendo: vestibular, SISU/MEC, transferências e retornos.

Quanto às vagas, seguindo um planejamento realizado quando da criação do curso, as mesmas se deram de forma gradual pensando, sobretudo, a real implementação e infraestrutura do Curso. Neste sentido, e por entendermos que mesmo em processo de implementação podemos definir questões, compreende-se que a disponibilização de 30 vagas anuais corrobora o objetivo do curso e supre as demandas sociais, bem como garante um aprendizado de qualidade. O preenchimento das vagas se divide da seguinte maneira: 21 vagas via concurso vestibular e 09 vagas através do Sistema de Seleção Unificado (SISU) do Governo Federal.

Os retornos e transferências são definidos semestralmente em colegiado de curso e publicados em listagem do Departamento de Administração Escolar (DAE) em data prevista no Calendário Acadêmico.

8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Consideramos as avaliações pertinentes as práticas de ensino desenvolvidas no curso, e, portanto, estas deverão seguir as determinações apontadas na Resolução 017/Cun/97, no que tange ao plano de ensino e ao percentual de frequência.

As avaliações com o uso de provas, exercícios ou outros modelos avaliativos propostos pelo docente da disciplina terá como atribuição de resultado notas graduadas de 0 (zero) a 10 (dez), não podendo ser fracionadas aquém ou além de 0,5 (zero vírgula cinco). O aluno com frequência suficiente (75% de presença nas aulas e atividades propostas) e média das notas de avaliações do semestre entre 3,0 (três) e 5,5 (cinco vírgula cinco) terá direito a uma nova avaliação no final do semestre, exceto nas disciplinas que envolvam Estágio Curricular, Prática de Exposição e Trabalho de Conclusão do Curso, para as quais a possibilidade de nova avaliação ficará a critério do respectivo Colegiado do Curso. O aluno sofrerá reprovação, sem a possibilidade de realizar exame final, caso o valor da média semestral seja inferior a 3 (três).

A avaliação docente pelo discente, a auto-avaliação docente e avaliação educacional e do espaço organizacional da Universidade são realizadas por projeto da Comissão Própria de Avaliação (CPA), vinculada diretamente ao gabinete da Reitoria,

dos quais os resultados deverão ser solicitados e discutidos anualmente em Colegiado do curso.

A avaliação do Projeto Pedagógico do Curso deverá ser realizada anualmente pelo Núcleo Docente Estruturante, que deverá desenvolver ferramentas de melhor avaliação e potencialização de resultados incluindo a participação discente no processo.

9. CORPO DOCENTE

Nome	Titulação	Regime de Trabalho
Alícia Norma González Castells	Doutorado	Integral
Angela da Veiga Beltrame	Doutorado	Integral
Carlos Eduardo Sell	Doutorado	Integral
Carlos Henrique Rodrigues	Doutorado	Integral
Evelyn Martina Schuler Zea	Doutorado	Integral
Gabriel Coutinho Barbosa	Doutorado	Integral
Ilka Boaventura Leite	Doutorado	Integral
Janine Gomes da Silva	Doutorado	Integral
Letícia Borges Nedel	Doutorado	Integral
Liane Maria Nagel	Doutorado	Integral
Lucas de Melo Reis Bueno	Doutorado	Integral
Luciana Silveira Cardoso	Mestrado	Integral
Márcio Roberto Voigt	Doutorado	Integral
Maria de Fátima Fontes Piazza	Doutorado	Integral
Maria Eugênia Dominguez	Doutorado	Integral
Miriam Pillar Grossi	Doutorado	Integral
Paulo Pinheiro Machado	Doutorado	Integral
Rafael Victorino Devos	Doutorado	Integral
Scott Correl Head	Doutorado	Integral
Sônia Weidner Maluf	Doutorado	Integral
Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes	Mestrado	Integral
Valdemar de Assis Lima	Especialização	Integral
Valdir José Rampinelli	Doutorado	Integral
Vânia Zikán Cardoso	Doutorado	Integral

Wagner Miquéias Félix Damasceno

Mestrado

Integral

William Barbosa Vianna

Doutorado

Integral

10. ORGANIZAÇÃO E INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

A Organização Curricular do curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina privilegia a interdisciplinaridade e concentra esforços na elaboração de eixos específicos de disciplinas de Museologia, que dialogam com disciplinas de outros cursos e departamentos, a fim de proporcionar uma formação sólida e dialógica ao discente. A integralização curricular visa período mínimo de 06 semestres e máximo de 12 semestres.

10.1. Matriz Curricular – Disciplinas Obrigatórias

1ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Introdução a Museologia	06	108h/a	
Introdução a Antropologia	06	108h/a	
Sociologia	04	72h/a	
Metodologia Científica	04	72h/a	

2ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Teoria Museológica	04	72h/a	Introdução a Museologia
Introdução a Ciência da Informação	04	72h/a	
Memória e Museu	04	72h/a	
Filosofia	04	72h/a	
Patrimônio Histórico Cultural	04	72h/a	

3ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Pensamento Contemporâneo em Museologia	04	72h/a	Introdução a Museologia
Comunicação em Museus	04	72h/a	Introdução a Ciência da Informação
Biogeografia Aplicada	04	72h/a	
História da Arte I	04	72h/a	

Acervos como fonte e objeto da pesquisa histórica	04	72h/a	
4ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Preservação e Conservação de Bens Culturais I	04	72h/a	
Documentação Museológica	06	108h/a	Introdução a Ciência da Informação
Educação Museal	04	72h/a	
História da Arte II	04	72h/a	História da Arte I
5ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Preservação e Conservação de Bens Culturais II	04	72h/a	Preservação e Conservação de Bens Culturais I
Expografia I	04	72h/a	
Antropologia da Arte	04	72h/a	
História da América Independente	04	72h/a	
Introdução a Arqueologia	04	72h/a	
6ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Expografia II	04	72h/a	Expografia I
Ação Cultural e Educativa em Museus	02	36h/a	Educação Museal
História do Brasil Contemporâneo	04	72h/a	
Gestão de Museus	04	72h/a	
7ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito
Prática de Exposição	06	108h/a	Expografia II Ação Cultural e Educativa em Museus
Metodologia da Pesquisa	04	72h/a	Metodologia Científica
8ª Fase	Créditos	Horas aula	Pré Requisito

			Documentação Museológica Preservação e Conservação de Bens Culturais II Expografia I Gestão de Museus Teoria Museológica Pensamento Contemporâneo em Museologia Educação Museal
Estágio Curricular Obrigatório	10	180h/a	
Trabalho de Conclusão de Curso	08	144h/a	Metodologia da Pesquisa

Total: 138 Créditos – 2.484h/a

10.2. Matriz Curricular – Disciplinas Optativas

Disciplina	Créditos	Horas aula
Cultura Brasileira	04	72h/a
Relações Inter-étnicas	04	72h/a
Antropologia Brasileira	04	72h/a
Antropologia do Objeto	04	72h/a
Identidade e Diversidade	04	72h/a
Estudos Afro-Brasileiros	04	72h/a
Tópicos Especiais: História, Patrimônio, Cultura e Memória.	04	72h/a
Laboratório de Ensino de História Oral	04	72h/a
História Indígena	04	72h/a
Introdução aos Estudos Históricos	04	72h/a
História de Santa Catarina	04	72h/a
História da Cultura	04	72h/a
Língua Brasileira de Sinais	04	72h/a
Museologia e Colecionismo	04	72h/a
Patrimônio Imaterial e Museologia	04	72h/a
Museu, Estado e Ideologia	04	72h/a

Segurança em Museus	02	36h/a
Fomento e Projetos Culturais	02	36h/a
Pesquisa Aplicada a Acervos Museológicos I	03	54h/a
Pesquisa Aplicada a Acervos Museológicos II	03	54h/a
Museologia Social e Processos Museais	04	72h/a
Museus e Biodiversidade	04	72h/a

O discente deverá obrigatoriamente cursar 20 créditos, 360h/a, em Disciplinas Optativas.

Do número total de créditos, define-se que o aluno deve cumprir 12 créditos, 216h/a, em disciplinas listas no rol de Optativas do Curso e os demais 08 créditos, 144h/a, em Optativas Livres na Universidade.

10.3. Componentes para Integralização Curricular

Para integralização curricular é necessário que o discente desempenhe os seguintes itens:

- a) **Disciplinas Obrigatórias:** 140 créditos, 2.500h/a – conforme apontado no item 7.1 deste Projeto Pedagógico;
- b) **Disciplinas Optativas:** 20 créditos, 360h/a – conforme apontado no item 7.2 deste Projeto Pedagógico;
- c) **Atividades Complementares:** 10 créditos, 180h/a – conforme Normativa de Atividades Complementares, Anexo IV deste Projeto Pedagógico.

Cumprindo a Resolução CNE/CSE nº02/2007 que aponta a Carga Horária mínima de 2.400h/a para integralização curricular dos cursos de Museologia.

Desta forma, o discente do Curso de Graduação em Museologia da UFSC cumprirá:

<p>170 Créditos 3.060h/a</p>
--

10.4. Regimentos Internos

10.4.1. Estágio Obrigatório e Não Obrigatório

Para habilitar-se como Bacharel em Museologia o estudante deverá realizar um estágio curricular na oitava fase do curso. O estágio curricular tem como suporte teórico e metodológico o conjunto das disciplinas do curso, abrangendo as áreas relacionadas à documentação, conservação e comunicação museológica.

Observado o que estabelece o Regulamento Geral de Estágios da UFSC, os estágios poderão ser realizados em instituições públicas, em empresas privadas, em organizações não governamentais, cujas áreas de atuação sejam compatíveis com as atribuições dos profissionais da Museologia. Para a realização do estágio o aluno deverá contar com a supervisão de um professor lotado em algum departamento que forneça disciplinas de caráter obrigatório ao Curso de Museologia. Além da supervisão do professor da UFSC, o aluno deverá contar com uma orientação local prestada por um profissional designado pela instituição/empresa concedente do estágio.

A integralização curricular do estágio obrigatório se dará através da matrícula na disciplina ESTÁGIO CURRICULAR, componente da grade curricular do curso de Museologia, com carga horária total de 180 (cento e oitenta) horas aula, totalizando 10 créditos, a serem cumpridas em um único semestre letivo, a partir da 8ª fase do curso.

Além do estágio curricular, o curso permite também a modalidade de estágio não-obrigatório, que pode ser realizado em horário extraclasse, a partir da segunda fase do curso. Os estágios não-obrigatórios devem complementar a formação do curso, proporcionando ao aluno aprendizagens profissionais através de sua participação em atividades de trabalho e pesquisa, observada a compatibilidade com a formação acadêmico-profissional do Bacharelado em Museologia. Ambas as modalidades de estágio, o estágio curricular e o estágio não-obrigatório, obedecem ao Regulamento Interno de Estágios do Curso de Museologia (Anexo II)

10.4.2. Trabalho de Conclusão de Curso

Para concluir o Bacharelado em Museologia o estudante deverá realizar um Trabalho de Conclusão de Curso que lhe permitirá a complementação da sua formação, através do desenvolvimento de atividades próprias a sua futura atuação profissional na área da Museologia.

A integralização curricular do Trabalho de Conclusão de Curso se dará através da matrícula na disciplina TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, componente da grade curricular do curso de Museologia, com carga horária total de 144 (cento e quarenta e quatro) horas aula, valendo 08 créditos, a serem cumpridas em um único semestre letivo, a partir da 8ª fase do Curso.

Diante do caráter finalizador do trabalho de conclusão, o mesmo deverá ser realizado após o término e a aprovação nas disciplinas obrigatórias até a sétima fase da grade curricular. O TCC deve ser elaborado, apresentado e avaliado com base no regulamento interno de TCC do Curso de Museologia. (Anexo III)

10.4.3. Atividades Complementares

As Atividades Complementares são extremamente importantes na formação profissional e na iniciação científica do aluno, dado que propiciam a aquisição de vivências não contempladas nas disciplinas curriculares.

Entende-se por atividades complementares as atividades acadêmicas desenvolvidas pelo aluno, excluídas as disciplinas que compõem a formação do curso, tais como participação em projetos de pesquisa e extensão, monitorias, eventos acadêmicos e atividades afins.

A participação em atividades complementares relacionadas à área da Museologia poderá ser registrada no histórico escolar através de matrícula na disciplina ATIVIDADES COMPLEMENTARES desde que sua inclusão não exceda o limite máximo de carga horária 180 (cento e oitenta) horas aula, valendo 10 créditos. (Anexo IV)

11. SUPORTE PARA FUNCIONAMENTO DO CURSO

O Curso de Bacharelado em Museologia da UFSC conta, além das Salas de Aula disponibilizadas pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas, com Laboratórios de Ensino, Biblioteca, Espaço de Guarda/Reserva Técnica e Espaço de Prática Expográfica.

11.1. Recursos Humanos e Financeiros

Pensando no funcionamento e gerenciamento dos Laboratórios de Ensino e na garantia de que as disciplinas de caráter teórico práticas acontecerão de acordo com a proposta pedagógica, existe a necessidade de contratação de um Servidor Técnico Museólogo.

Bem como, no que tange a disciplina Prática de Exposição, é necessário repasse orçamentário de R\$7.000,00 para garantir o desenvolvimento das atividades. Tal recurso é destinado pela Pró Reitoria de Planejamento ao Setor de Compras do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, sendo responsabilidade do Curso de Museologia a administração do mesmo.

11.2. Biblioteca

No que tange a bibliografia específica da área da museologia, a mesma encontra-se na Biblioteca Universitária Central, tendo sido adquiridos novos títulos nos anos de 2014 e 2015.

11.3. Laboratórios

Os laboratórios são importantes instrumentos de realização de atividades de ensino ligados às práticas museológicas, fundamentais para a formação dos alunos. São estratégicos para a inserção de profissionais docentes e técnicos no contexto do curso, e para uma maior integração do curso com a sociedade.

Estes espaços se instituem como infra-estrutura para as atividades práticas, como lugares de experimentação. A fim de garantir o caráter interdisciplinar com o qual a matriz curricular é calcada e proporcionando o contato e parcerias com a maior quantidade de cursos possível, os laboratórios do curso de Museologia se dão em caráter

compartilhado, de maneira que os materiais de natureza permanente ou de consumo servem a mais de um curso, e a utilização dos espaços resguardada em regimento de uso dos espaços laboratoriais, garantindo a qualidade do uso e o acesso aos mesmos. Destacamos a natureza dos três laboratórios idealizados para atender ao curso de Museologia, todos com Regimentos específicos e formulados em parceria com os demais cursos e departamentos da Universidade que compartilham os espaços:

11.3.1. Laboratório de Comunicação Museológica e Práticas Expográficas

Objetiva-se a estrutura para a discussão, reflexão e experimentação acerca de conceitos comunicacionais e principalmente atividades técnicas ligadas a Expografia. Subsidiaria fisicamente além de aulas e exercícios práticos, espaço de elaboração de projetos museográficos e concepção expográfica das disciplinas: *Comunicação em Museus, Expografia I, Expografia II e Prática de Exposição*.

Além dos títulos que se encontram na BU, uma vasta Coleção de Catálogos de Exposição comporá o acervo do Laboratório de Comunicação Museológica e Práticas Expográficas.

11.3.2. Laboratório de Conservação Preventiva

Neste laboratório objetiva-se o trabalho relacionado as questões de Conservação Preventiva, desenvolvendo atividades ligadas a higienização, acondicionamento, manuseio e transporte de acervos – tanto em espaços de guarda quanto em exposições, refletido a cerca do monitoramento, diagnósticos e laudos de conservação.

11.3.3. Laboratório de Documentação e Processos Informacionais

Neste laboratório objetiva-se a discussão e reflexão de questões relacionadas aos processos de Informação e Documentação em museus e espaços museológicos, tendo como objetivo a experimentação técnica de softwares de documentação, equipamento de apoio para pesquisas, catalogação e atividades técnicas de salvaguarda informacional de acervos.

11.4. Espaço de Guarda

O curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina possui duas salas de 10 metros quadrados, espaço destinado a guarda de acervo e suportes expositivos. O local possui sistema de segurança, entrada com acessibilidade e técnico administrativo para gestão e manutenção dos materiais.

11.5. Espaço de Prática Expográfica

É garantido a disciplina *Prática de Exposição* espaço expositivo da própria Universidade durante 60 dias anuais, contando com acessibilidade, sistema básico de iluminação e banheiros. No entanto é de escolha da turma utilizar espaço expositivo disponível ou buscar espontaneamente outros espaços.

12. POLÍTICAS AFIRMATIVAS

A formação ampla nas Ciências Sociais, que compõem a grade curricular, oferece ao aluno de Museologia a possibilidade de um aprendizado sobre questões de raça, gênero, práticas religiosas, necessidades físicas distintas e outras temáticas fundamentais para uma reflexão crítica sobre as diversidades que constituem a sociedade contemporânea.

Em conjunto com estas disciplinas, a UFSC oferece também as disciplinas Fundamentos da educação dos Surdos, Introdução aos Estudos Linguísticos, Escrita de Sinais e Língua Brasileira de Sinais, que podem ser cursadas pelos alunos de Museologia para integralização de sua grade curricular.

Além de atender às Diretrizes Curriculares Nacionais vigentes, esta formação é fundamental para a formação de Museólogos que estejam capacitados a levar em consideração as políticas afirmativas no exercício pleno de sua profissão.

13. POLÍTICA DE ACESSIBILIDADE E APOIO DA UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina possui atualmente duas Coordenadorias destinadas a desenvolver políticas de Acessibilidade e Apoio ao discente, são as mesmas: Coordenadoria de Acessibilidade Educacional (CAE) e Coordenadoria de Avaliação e Apoio Pedagógico (CAAP).

Cada uma desenvolve atividades específicas, tendo em vista o auxílio aos discentes da Universidade. Neste sentido destacam-se as seguintes frentes:

- A Coordenadoria de Acessibilidade Educacional, vinculado a Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD), atua junto a Educação Básica, Cursos de Graduação e Pós-Graduação “atendendo ao princípio da garantia dos direitos das pessoas com deficiência, mediante a equiparação de oportunidade, propiciando autonomia pessoal e acesso ao conhecimento”¹.
- A Coordenadoria de Avaliação e Apoio Pedagógico, vinculada a Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD) em parceria com a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), que atua buscando desenvolver “ações que visam atender necessidades de professores e estudantes no que tange ao ensino de graduação”². Tendo como principal atividade o Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes (PIAPE), que objetiva “atender estudantes, em nível grupal ou individual, considerando suas necessidades específicas de aprendizagem”³.

As políticas desenvolvidas pelas Coordenadorias aplicam-se a todos os cursos da UFSC, desta forma o curso de Museologia tem sido atendido pelos Programas e Atividades.

¹ De acordo com a Cartilha do CAE

² De acordo com Cartilha do Programa Institucional de Apoio Pedagógico ao Estudante.

³ De acordo com Cartilha do Programa Institucional de Apoio Pedagógico ao Estudante.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

REGULAMENTO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MUSEOLOGIA

**CAPÍTULO 1
DA FINALIDADE**

Artigo 1º. Em consonância com o que estabelece a Lei nº 11.788, de 25/09/2008, e o Regulamento Geral de Estágios da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, o presente Regulamento tem por finalidade normatizar as atividades de estágio no âmbito do Curso de Museologia da UFSC.

**CAPÍTULO 2
DA CARACTERIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS**

Artigo 2º. Para os fins do disposto neste regulamento, considera-se estágio curricular o conjunto de atividades programadas, orientadas/supervisionadas e avaliadas, as quais proporcionem ao(a) graduando(a), a aprendizagem de competências próprias da atividade profissional da contextualização curricular, observada a compatibilidade com o itinerário formativo do Curso de Bacharelado em Museologia.

Parágrafo único – Os estágios curriculares do Curso de Bacharelado em Museologia poderão ser realizados nas seguintes modalidades:

I – Obrigatório – É o estágio definido como obrigatório no projeto pedagógico do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma (§ 1º do art. 2º da Lei nº 11.788/2008);

II – Não-obrigatório – É o estágio desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória, e parte do projeto pedagógico do curso (§ 2º do art. 2º da Lei nº 11.788/2008; Art. 5º do Regimento de Atividades Complementares do Curso de Graduação em Museologia).

Artigo 3º. Observado o que estabelece o Regulamento Geral de Estágios da UFSC, os estágios poderão ser realizados em instituições públicas, em empresas privadas, em organizações não governamentais ou junto a profissionais liberais, cujas áreas de atuação sejam compatíveis com as atribuições profissionais do campo da Museologia.

Parágrafo único - Para seleção de áreas de atuação e atividades do Estágio Obrigatório e do Estágio Não-Obrigatório considerar-se-á os seguintes objetivos:

I – desenvolver o aspecto integrador do ensino, visando a consolidação do caráter interdisciplinar, através da realização de atividades práticas integradas e

supervisionadas, que venham complementar os conteúdos teóricos das disciplinas do curso;

II – implementar a integração instituições-universidade, tendo em vista permitir a realização de trabalhos conjuntos e a conseqüente troca de conhecimentos e experiências entre os agentes envolvidos;

III – criar estratégias de profissionalização direcionadas à reflexão crítica, a sensibilização e a desenvolvimento de habilidades, numa perspectiva de educação para o mundo do trabalho;

CAPÍTULO 3

DAS CONDIÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DE ESTÁGIOS

Artigo 4º. A realização do Estágio depende da existência de Convênio firmado para esse fim, diretamente entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a parte concedente da vaga de estágio ou, entre ambas, através de um Agente de Integração (professor/a coordenador/a de estágio ou coordenador/a de estágio), nos termos do Art 5º da Lei nº 11.788/2008.

§ 1º Além do convênio supracitado, constituem-se em documentos obrigatórios para iniciar as atividades de estágio, o Termo de Compromisso de Estágio (TCE) e o Programa de Atividades de Estágio (PAE):

I – o TCE, elaborado pelo/a candidato/a ao estágio, pela parte concedente ou pelo agente de integração, observando-se as normas firmadas entre a UFSC, a concedente e o agente de integração. O TCE será assinado pelas partes envolvidas no estágio e pelo Coordenador de Estágios do Curso de Museologia;

II – o PAE, elaborado conjuntamente pelo/a candidato/a ao estágio e a parte concedente, e submetido a aprovação do/a professor/a supervisor/a ou do/a Coordenador/a de Estágios. O PAE deverá ser assinado pelas partes envolvidas no Estágio: o educando, o orientador local indicado pela concedente e pelo Coordenador de Estágios do Curso de Museologia;

§ 2º O TCE e o PAE, de que trata o parágrafo primeiro deste Artigo, deverão ser registrados no Sistema de Informação para Acompanhamento e Registro de Estágios – SIARE/UFSC, ou equivalente que venha substituí-lo, observado o prazo de até 30 (trinta) dias corridos, e contados a partir da data prevista para o início das atividades de estágio, e a entrega desses documentos devidamente assinados por todas as partes à Coordenadoria de Estágios;

§ 3º O registro no SIARE é obrigatório para ambas as modalidades de estágio, dentro e/ou fora do Campus Universitário para assegurar o cumprimento da legislação vigente e o controle sobre o seguro de acidentes pessoais;

§ 4º A UFSC, através da Secretaria de Assuntos Estudantis, compromete-se a fazer um seguro de acidentes pessoais durante o período do Estágio Obrigatório, a favor de cada estagiário/a (Resolução Normativa N.º 14/CUn, de 25 de outubro de 2011);

Artigo 5º. Para realizar o Estágio Obrigatório ou Estágios Não-Obrigatórios o/a aluno/a deverá estar regularmente matriculado/a no Curso de Museologia.

§ 1º A interrupção do vínculo acadêmico entre o educando e o curso de Museologia implicará no imediato encerramento do estágio.

§ 2º O aluno(a) deverá cumprir um mínimo de quatro (04) créditos dentro do Curso de Museologia concomitante à realização do Estágio Não-Obrigatório.

Artigo 6º. O Estágio Obrigatório somente poderá ser realizado após terem sido cursadas, com aproveitamento, as disciplinas Documentação Museológica, Preservação e Conservação de Bens Culturais II, Expografia I, Gestão de Museus, Teoria Museológica, Pensamento Contemporâneo em Museologia e Educação Museal.

Artigo 7º. O Estágio Não-Obrigatório poderá ser realizado a partir da 3ª fase do Curso de Museologia.

Parágrafo único – Em casos excepcionais, mediante solicitação formalizada pelo professor/a orientador/a, o aluno matriculado na 2ª fase do Curso poderá realizar o Estágio de que trata este Artigo.

Artigo 8º. Para a realização do estágio em uma das modalidades (obrigatório e não obrigatório), o aluno deverá contar com a orientação de um(a) professor(a) da Coordenadoria Especial de Museologia (CEM/MUS) ou do Coordenador de Estágios do Curso de Museologia.

Parágrafo único – Além da supervisão do(a) professor(a) da CEM/MUS, conforme indicado neste Artigo, o(a) graduando(a) deverá contar com uma supervisão local prestada por um profissional do quadro de pessoal da instituição cedente, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário (inciso III do art. 9º da Lei 11.788/2008).

CAPÍTULO 4 DA INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Artigo 9º. A integralização curricular do estágio obrigatório se dará através da matrícula na disciplina ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO, constituinte da grade curricular do curso de Museologia, com carga horária total de 180 horas/aula, valendo 10 créditos, a serem cumpridas em um único semestre letivo, a partir da 7ª fase do Curso.

Parágrafo único – Os Estágios Não-Obrigatórios não poderão ser validados como Estágios Obrigatórios.

CAPÍTULO 5 DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

Artigo 10º. Em qualquer das modalidades (obrigatório e não obrigatório), a jornada de atividade em estágio deverá, peremptoriamente, ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar seis (06) horas diárias e trinta (30) horas semanais.

Parágrafo único - Obedecidas as prerrogativas tratadas neste artigo, a organização da carga horária da referida jornada de estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o(a) estagiário(a), devendo constar do termo de compromisso.

Artigo 11º. As relações administrativas geradas pela realização de estágios em empresas privadas, instituições públicas ou em organizações não governamentais são regidas pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

§ 1º Os/as alunos/as estagiários/as nas concedentes citadas neste artigo deverão atender às normas administrativas definidas pela concedente do estágio.

§ 2º Os horários para execução das atividades do estágio por parte do/a aluno/a deverão ser enquadrados na grade de horário de funcionamento da concedente do estágio, obedecidas as prerrogativas tratadas neste artigo.

CAPÍTULO 6

DA COORDENADORIA DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Artigo 12º. Para coordenação das atividades de estágios previstas neste Regulamento, no âmbito do Curso de Museologia, o Colegiado deste curso indicará, entre os docentes em atividade no mesmo um Coordenador de Estágios para exercer tal função pelo período mínimo de dois (02) anos.

Parágrafo único – O Coordenador de Estágios do Curso, nomeado através de portaria emitida pela Direção do centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH, contará em seu plano de trabalho com uma carga de até 10 (dez) horas semanais em atividade administrativa.

Artigo 13º. Compete ao Coordenador de Estágios do Curso de Museologia:

I – tratar dos assuntos relacionados aos estágios, junto ao Colegiado do Curso de Museologia, Chefia da Coordenadoria Especial de Museologia, Unidades Universitárias e outros setores da Universidade;

II – encaminhar, juntamente com o professor orientador de estágio, as soluções para os problemas que possam impedir o início, o andamento ou a conclusão do estágio;

III – apresentar as propostas para celebração, manutenção ou alteração de convênios e campos de estágio ao Departamento de Integração Acadêmica e Profissional (DIP);

IV – manter os arquivos de documentos gerais e pessoais relacionados com a realização de estágios por parte de alunos do Curso;

V – apresentar ao Colegiado de Curso, sempre que necessário, as propostas para adequação da organização curricular às atividades de estágio;

VI – analisar e conferir a documentação indicada no Parágrafo 1º do Artigo 4º do presente regulamento;

VII – definir, juntamente com o professor orientador, a data e o local para a apresentação do Relatório Final do Estágio pelo aluno concludente;

VIII – encaminhar os pedidos de bolsa a serem concedidas pela UFSC ao Departamento de Integração Acadêmica e Profissional (DIP);

IX – garantir que o resultado final da avaliação de estágio concluído pelo aluno seja lançado no sistema em tempo hábil;

X – remeter ao DIP o resultado final da avaliação de estágio concluído pelo aluno que tiver percebido bolsa concedida pela UFSC.

Parágrafo único – Em seus impedimentos, o Coordenador de Estágios do Curso, nomeado pela Direção do CFH, será substituído pelo Coordenador do Curso.

CAPÍTULO 7

DA ORIENTAÇÃO DO ESTÁGIO

Artigo 14º. Caberá ao(a) aluno(a) candidato/a ao estágio propor o nome do professor/a orientador/a entre o corpo docente em atividade no Curso de Museologia que não esteja afastado totalmente das atividades docentes.

§ 1º Ao assinar o Programa de Atividades do Estágio (PAE), o/a professor/a indicado estará aceitando a orientação do estágio.

§ 2º Os professores orientadores contarão 1 (uma) hora de ensino (orientação) semanal por aluno/a em seu plano de trabalho.

§ 3º A qualquer tempo, desde que devidamente justificado por escrito, tanto o/a professor/a orientador/a como o/a aluno/a poderão desfazer o vínculo de orientação, devendo o/a aluno/a providenciar, de imediato, a indicação de outro/a professor/a para dar continuidade ao seu estágio.

§ 4º Quando tratar-se de estágio fora do Estado de Santa Catarina o professor orientador acompanhará o desenvolvimento do estágio por relatórios mensais, enviado pelo discente e pelo supervisor local.

Artigo 15º. Compete ao Professor Orientador de estágio:

I – garantir o respeito à qualidade da formação do/a estagiário/a acompanhando-o/a, auxiliando-o/a e disponibilizando as informações necessárias para a sua atuação;

II – avaliar o Programa de Atividades do Estágio (PAE) apresentado pelo/a candidato/a ao estágio;

III – orientar o/a aluno/a estagiário/a na execução das atividades programadas para a realização do estágio;

IV – avaliar e atribuir nota ao trabalho apresentado pelo aluno que concluiu, sob sua orientação, o Estágio Obrigatório;

V – encaminhar à Coordenadoria de Estágios do Curso, dentro dos prazos regimentais, a avaliação final do estágio realizado pelo/a aluno/a sob sua orientação;

VI – enviar à Coordenadoria de Estágios do Curso, em tempo hábil, as solicitações de substituição ou cancelamento de orientação de estágio, bem como a notificação e a justificativa de menção “P” ou abandono do estágio por parte do aluno.

CAPÍTULO 8 DA SUPERVISÃO DO ESTÁGIO

Artigo 16º. O/A chefe da unidade concedente do campo de estágio designará como Supervisor do Estágio, obrigatoriamente, um profissional integrante do quadro ativo de pessoal da respectiva unidade.

§ 1º Compete ao Supervisor do Estágio zelar pela qualidade da formação do/a estagiário/a acompanhando-o/a no exercício das atividades de estágio, auxiliando-o/a e disponibilizando as informações e instrumental necessário para a sua atuação.

§ 2º O Supervisor de Estágio deverá acompanhar e atestar a frequência mensal do estagiário no órgão ou entidade onde se realiza o estágio.

§ 3º Cabe ao Supervisor de Estágio assegurar a proteção à integridade moral, intelectual e física do estagiário/a privando pela qualidade do ambiente de atuação do/a estagiário/a, pela valorização da dignidade da pessoa humana e pelo respeito aos direitos e deveres do/a estagiário/a preconizados pela Lei 11.788/2008.

§ 4º Caso haja alterações relacionadas ao estágio deverá ser elaborado Termo Aditivo, que será anexado ao TCE, exceto nos casos de mudança do órgão contratante.

Artigo 17º. O Supervisor de Estágio deve possuir formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário.

Artigo 18º. O(a) Supervisor(a) de Estágio poderá orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

CAPÍTULO 9 DAS OBRIGAÇÕES DO ALUNO

Artigo 19º. Compete ao/à aluno/a:

- I – definir, junto com o professor orientador, o supervisor local e a linha temática do trabalho que realizará durante o estágio;
- II – elaborar o Programa de Atividades do Estágio (PAE) a ser cumprido durante o estágio;
- III – submeter o seu PAE à aprovação do professor/a orientadora;
- IV – contatar a instituição onde pretenda realizar o estágio (dentre aquelas aprovadas no âmbito do Colegiado do Curso de Museologia, conveniadas com a UFSC) no sentido de obter a reserva da vaga e conhecimento das medidas administrativas a serem implementadas pelas partes interessadas;
- V – obter o aceite da instituição quanto ao PAE aprovado pelo Professor Orientador, e/ou adequá-lo, juntamente com seu Supervisor Local, às possíveis limitações apresentadas pela concedente do estágio;
- VI – encaminhar à Coordenadoria de Estágios do Curso, dentro do prazo regimental, a documentação indicada no Parágrafo 1º do Artigo 4º deste Regulamento;
- VII – executar as atividades previstas em seu PAE, procurando zelar pelo renome do Curso e da Instituição de Ensino à qual está vinculado;
- VIII – cumprir e fazer cumprir a legislação e as normas administrativas que regulamentam e disciplinam a sua relação com a concedente do estágio;
- IX – comunicar ao professor orientador os problemas ou dificuldades encontradas para o bom exercício de suas atividades;
- X – elaborar e apresentar, quando solicitado pelo professor orientador ou pelo Coordenador de Estágios, relatórios parciais;
- XI – informar ao professor orientador, em tempo hábil, o seu impedimento ou desistência para continuar o estágio e, também, solicitar a atribuição de menção “I” e apresentar justificativa, quando impossibilitado temporariamente de concluir as atividades do estágio;
- XII – O aluno em Estágio Obrigatório deverá elaborar o projeto de atividade contendo a seguinte estrutura:
 - 1) Sumário
 - 2) Apresentação
 - 3) Justificativa
 - 4) Metodologia
 - 5) Objetivos do estágio
 - 6) Referências bibliográficas

Parágrafo único – O estagiário deverá manter uma conduta ética no exercício de sua atividade respeitando as políticas da instituição, mantendo discrição quanto ao conhecimento e uso de informações e em todos os momentos respeitar os princípios museológicos e as normas reconhecidas internacionalmente a respeito da preservação do patrimônio cultural.

CAPÍTULO 10 DA BOLSA DE ESTÁGIO

Artigo 20º. A bolsa de estágio constitui-se em auxílio financeiro pago diretamente ao aluno estagiário pela concedente do estágio, com período e valor fixado no Termo de Compromisso de Estágio.

§ 1º A solicitação e/ou obtenção de bolsa junto à concedente do estágio são de responsabilidade do aluno candidato ao estágio.

§ 2º A inexistência de bolsas de estágio não se constituirá em impedimento para a realização de estágio obrigatório.

§ 3º A concessão de bolsa de estágio para aluno estagiário no âmbito da UFSC é regida pelo Regulamento Geral de Estágios dessa universidade.

Artigo 21º - A interrupção ou abandono do estágio por parte do aluno acarretará, de imediato, na suspensão do pagamento da bolsa de estágio.

CAPÍTULO 11 DA CONCLUSÃO DO ESTÁGIO

Artigo 22º. A conclusão do Estágio Obrigatório dar-se-á com a entrega do Relatório Final do Estágio, o qual constituir-se-á em um dos elementos para avaliação do rendimento do aluno no estágio realizado.

Artigo 23º. Para conclusão do Estágio Não Obrigatório o aluno deverá entregar ao professor orientador o seu Relatório Final, dentro dos prazos regimentais.

Artigo 24º. O relatório de que trata o Artigo 22º deste Regulamento é um documento realizado de acordo com o professor orientador, devendo, todavia, apresentar a seguinte estrutura mínima:

- 1) Sumário
- 2) Apresentação
- 3) Objetivos do estágio
- 4) Atividades realizadas durante o estágio
- 5) Ações, resultados e produtos gerados durante o estágio
- 6) Conclusões
- 7) Anexos (imagens, tabelas, etc., produzidos durante o estágio)
- 8) Referências bibliográficas

CAPÍTULO 12 DA AVALIAÇÃO FINAL DO RENDIMENTO DO ESTAGIÁRIO

Artigo 25º. A avaliação final do rendimento do aluno concludente de Estágio Obrigatório será feita com base nos seguintes quesitos:

- 1) Qualidade do Relatório Final do Estágio, segundo:
 - A apresentação e o conteúdo do relatório
 - Os resultados apresentados em função do estágio realizado e seus desdobramentos.
- 2) Desempenho demonstrado durante o estágio, segundo:
 - A habilidade para realizar tarefas práticas atinentes ao estágio
 - A iniciativa e independência na solução de problemas
 - A pontualidade e assiduidade
 - A integração no ambiente de estágio

Parágrafo único - Para permitir uma melhor avaliação dos parâmetros indicados acima, será solicitado ao Supervisor Local do estagiário, indicado pela concedente do estágio, que responda ao Questionário para Avaliação do Desempenho do Estagiário, conforme modelo apresentado no Anexo I.

Artigo 27º. Ocorrendo a reprovação do aluno, não haverá recuperação da Nota Final obtida na avaliação do rendimento em Estágio Obrigatório.

§ 1º Para a conclusão do Curso de Bacharelado em Museologia, o aluno que for reprovado na avaliação de seu rendimento no Estágio Obrigatório deverá repetir a disciplina MUS 7501 – ESTÁGIO CURRICULAR, através de nova matrícula.

§ 2º O aluno que não tenha cumprido pelo menos 75% do estágio será considerado reprovado na disciplina de estágio em que esteja matriculado, por frequência insuficiente (FI).

CAPÍTULO 13 DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Artigo 28º As justificativas apresentadas por alunos que tenham abandonado ou desistido do estágio serão encaminhadas pelo Coordenador de Estágios do Curso de Museologia ao Colegiado do Curso, para avaliação e providências.

Artigo 29º. Os casos omissos serão apreciados pelo Colegiado de Curso de Museologia, a partir da manifestação formalizada pelo/a interessado/a, que deliberará a respeito.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO ESTAGIÁRIO

Nome do/a Estagiário/a: _____

Período da Avaliação: _____ a _____

Concedente do Estágio: _____

Supervisor Local / Avaliador: _____

Assinalar apenas uma opção em cada quesito:

1) Habilidade para realizar as tarefas atinentes ao estágio:

- (E) Realizou com grande habilidade todas as atividades programadas.
- (MB) Realizou com habilidade parte das atividades programadas.
- (B) Apresentou dificuldades para realizar parte das atividades
- (R) Apresentou dificuldades para realizar todas as atividades

2) Iniciativa e independência na solução de problemas:

- (E) Solucionou todos os problemas inerentes às suas atividades, por conta própria.
- (MB) Solucionou parte dos problemas técnicos às suas atividades, por conta própria.
- (B) Apresentou dificuldades para resolver parte dos problemas inerentes às suas atividades.
- (R) Sistemáticamente apresentou dificuldades para solucionar problemas inerentes às suas atividades.

3) Pontualidade e assiduidade

- (E) Cumpriu sempre, assídua e pontualmente, os dias e horários de trabalho estabelecidos.
- (MB) Cumpriu os dias e horários de trabalho estabelecidos, com raras faltas e atrasos.
- (B) Sistemáticamente chegou atrasado ou antecipou o horário de saída do local de trabalho.
- (R) Sistemáticamente faltava ao trabalho.

4) Integração no ambiente de trabalho

- (E) Adaptou-se com grande facilidade aos grupos de trabalho.
- (MB) Apresentou alguma dificuldade para integrar-se aos grupos de trabalho.
- (B) Sistemáticamente apresentou dificuldades para trabalhar em grupo.

(R) Durante o estágio não conseguiu trabalhar em equipe.

() Não se aplica este quesito

Escreva algumas das suas impressões sobre o estudante.

Local: _____

Data: _____

Assinatura do Supervisor Local: _____



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

REGULAMENTO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CAPÍTULO 1
DA CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Art. 1º. O Trabalho de Conclusão de Curso é o desenvolvimento de uma monografia que visa proporcionar ao acadêmico uma atividade de iniciação à pesquisa científica no âmbito da Museologia.

Art. 2º. A disciplina, denominada Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular de 144 horas/aula, em caráter obrigatório, com um total de 08 créditos.

Art. 3º. Para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso, o acadêmico deverá:

- a) ter cumprido os pré-requisitos estabelecidos para a atividade na grade curricular do curso;
- b) ter um professor orientador;
- c) ter elaborado um projeto de pesquisa, conforme as normas da UFSC, e que será aprovado pelo orientador.

**CAPÍTULO 2
DA MONOGRAFIA**

Art. 4º. A monografia, no sentido acadêmico, é o tratamento escrito e aprofundado acerca de um só assunto, de maneira descritiva e analítica, caracterizada pela reflexão.

Art. 5º. Deverá ser elaborada de acordo com os procedimentos de produção do conhecimento científico e utilizando as Normas da UFSC vigentes na entrega do trabalho.

Art. 6º. A monografia deverá estar vinculada ao campo da pesquisa em Museologia e ter enfoque e bibliografias pertinentes à área.

**CAPÍTULO 3
DO ALUNO**

Art. 7º. Cabe ao aluno:

- a) realizar matrícula na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso;

- b) apresentar o projeto da pesquisa que será desenvolvido, juntamente com o parecer de aceite do professor orientador (anexo I), na Secretaria do Curso de acordo com os prazos estipulado pela Coordenação;
- c) cumprir todos os prazos da atividade definidos em calendário no início do semestre letivo pela disciplina e aqueles combinados com o orientador;
- d) fornecer, sempre que solicitado, informações sobre o desenvolvimento da monografia;
- e) desenvolver a monografia, demonstrando reflexão, argumentação e coerência;
- f) entregar, no prazo definido, uma monografia elaborada conforme as normas da UFSC;
- g) entregar cópias do trabalho para os membros da banca examinadora e para o orientador;
- h) fazer a defesa pública da monografia para uma banca examinadora.

Art. 8º. O aluno deverá realizar as alterações solicitadas pela Banca Examinadora e, até o prazo definido pela mesma, entregar na Coordenação do Curso de Graduação em Museologia a versão final da monografia, com o visto do orientador, sob pena de reprovação.

CAPÍTULO 4 DA ORIENTAÇÃO

Art. 9º. A monografia será conduzida sob a orientação de um professor da Coordenadoria Especial de Museologia ou, sob aceite do Colegiado, um professor dos Departamentos que ministram disciplinas obrigatórias no curso.

Parágrafo único: o trabalho poderá contar com a co-orientação de um profissional da área ou professor, em comum acordo com o orientador. O co-orientador não poderá ser um dos membros avaliadores da banca.

Art. 10º. O orientador da monografia deverá:

- a) elaborar com o aluno o cronograma para o cumprimento da elaboração do trabalho;
- b) prestar orientação durante o desenvolvimento da pesquisa e redação da monografia;
- c) redigir documentos, ou solicitar a quem de direito cabe, que permitam ao orientando maior acesso aos locais de desenvolvimento do TCC, informando e atestando a condição de aluno do curso de graduação em Museologia em fase de desenvolvimento de projeto de Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO 5 DA BANCA EXAMINADORA

Art. 11º. A Banca Examinadora será composta pelo orientador da monografia e por mais dois membros.

Art. 12º. Poderão compor a banca examinadora:

- a) professores que cumpram os mesmos requisitos para ser professor orientador;
- b) professores de outras Instituições de Ensino Superior que atuem na área de abrangência da monografia;

c) pesquisadores e profissionais graduados na área de abrangência da monografia.

Parágrafo único: caso algum membro da banca não compareça no dia da defesa pública, a mesma deverá ser transferida para um novo dia e horário sem prejuízo para o aluno.

Art. 13º. O orientador da monografia será o presidente da Banca.

Art. 14º. A banca examinadora da monografia deverá:

a) reunir-se em dia e hora previamente definidos para a defesa pública da monografia;

b) arguir o aluno, podendo sugerir modificações no trabalho;

c) atribuir nota final da monografia, imediatamente após a defesa;

d) registrar a nota final na Ata de Defesa (anexo II), que será assinado por todos os membros da Banca Examinadora e pelo aluno.

Parágrafo único: em hipótese alguma a Ata de Defesa pode ser entregue a Secretaria do Curso sem uma nota atribuída.

Art. 15º. Será considerado aprovado o aluno que obtiver nota igual ou superior a 6.

CAPÍTULO 6 DA DEFESA

Art. 16º. A defesa da monografia deverá ser feita pelo acadêmico de maneira oral e presencial diante da Banca Examinadora, em defesa pública e aberta.

Art. 17º. O aluno terá até 30 minutos para a sua apresentação. Cada membro da Banca, com exceção do presidente da banca, terá até 15 minutos para arguições, e o aluno terá 15 minutos para responder às questões feitas.

Art. 18º. A não defesa da monografia implicará a reprovação do aluno mesmo que ele tenha entregue o trabalho escrito.

CAPÍTULO 7 DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 19º. Os casos omissos Desta Resolução serão resolvidos pelo Coordenador do Curso e, se necessário, pelo Colegiado do curso.

Art. 20º. O Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso entra em vigor a partir de sua aprovação no Colegiado do Curso de Graduação em Museologia.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Coordenadoria Especial de Museologia
Coordenação do Curso de Graduação em Museologia

PARECER DE ACEITE ORIENTAÇÃO DE TCC

À Coordenação do Curso de Graduação em Museologia,

Tendo analisado o Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso do/a acadêmico/a

matrícula número _____, intitulado:

emito o seguinte PARECER:

() Aprovado () Reprovado

Docente/Orientador:

Departamento/Coordenadoria:

Florianópolis, de _____ de _____.

Assinatura



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Coordenadoria Especial de Museologia
Coordenação do Curso de Graduação em Museologia

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos ____ dias do mês de _____ de 201__, às _____ horas, na sala _____ do _____, reuniram-se, os membros convidados para compor a banca de avaliação

_____ e o/a Professor(a) Orientador(a) _____ para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

_____ de autoria d__ estudante _____.

O/a professor(a) orientador(a) do trabalho, presidente da banca, deu início à defesa. Após a exposição do trabalho ocorreu a argüição por parte dos membros da banca, tendo cada um 15 minutos para apresentação da argüição. O estudante teve igualmente 15 minutos para resposta às questões colocadas. Encerrada a argüição do trabalho, os membros da banca _____ o trabalho, com as seguintes considerações:

As notas atribuídas foram as seguintes:

- | | | | |
|----|----|----|--------------|
| 1. | 2. | 3. | |
| | | | Nota final – |



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

**CAPÍTULO 1
DA CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

Art. 1º. Este regulamento tem por finalidade orientar e normatizar as Atividades Complementares do Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Art. 2º. As Atividades Complementares são atividades realizadas pelos alunos no âmbito da pesquisa, ensino e extensão universitária, sob a supervisão de um docente da UFSC e, necessariamente, relacionada à Museologia e áreas afins.

Art. 3º. As atividades complementares são indispensáveis à conclusão do curso, possuem carga-horária mínima de 180 horas/aula, totalizando 10 créditos.

Art. 4º. As atividades complementares têm por objetivo:

- I – flexibilizar o currículo obrigatório, deixando-o aberto para abarcar determinada carga-horária com atividades relevantes para os alunos e para o Curso;
- II – reconhecer a prática de estudos e atividades independentes dos alunos, no aprofundamento temático e multidisciplinar de suas formações;
- III – incentivar o envolvimento dos alunos no mundo acadêmico e do trabalho;
- IV – aproximar o universitário da realidade social e profissional;
- V – promover a integração entre a Universidade e a sociedade, por meio da participação do universitário em atividades que visem à formação profissional e à cidadania.

Art. 5º. As Atividades Complementares serão integralizadas pelos estudantes através da disciplina *Atividades Complementares* em qualquer momento do curso, e envolverão a participação comprovada dos mesmos em atividades que contribuam para a sua formação, tais como:

- a) Participação e/ou apresentação de trabalhos em eventos científicos (Congressos, Simpósios, Seminários ou similares);
- b) Participação em monitorias, estágios extra-curriculares e programas extra-curriculares de natureza formativa geral, técnico-instrumental ou para cidadania, e que tenham vinculação com a área de formação;
- c) Participação em programas de iniciação científica e/ou projetos de pesquisa que tenham vinculação com a área de formação;

d) Participação em programas de extensão que tenham vinculação com a área de formação;

CAPÍTULO 2

DO SUPERVISOR DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 6º. O Supervisor de Atividades Complementares será um professor do Curso de Graduação em Museologia indicado pelo Coordenador e aprovado pelo Colegiado do mesmo Curso, por um período de 2 (dois) anos, podendo ser reconduzido.

Art. 7º. Para desenvolver e executar as atividades inerentes à Supervisão de Atividades Complementares do Curso de Museologia atribuir-se-á ao professor Supervisor uma carga de 02 horas semanais.

Art. 8º. São atribuições do Supervisor de Atividades Complementares do Curso de Museologia:

- a) Auxiliar alunos e professores do Curso de Museologia com relação à aplicação do presente Regulamento;
- b) Divulgar entre os alunos do Curso de Museologia qualquer informação que esteja relacionada às Atividades Complementares;
- c) Encaminhar à Secretaria do curso de Museologia, ao final de cada semestre, observado o calendário acadêmico da UFSC, planilha atualizada contendo carga horária de Atividades Complementares cumpridas por cada aluno inscrito na disciplina até a data de fechamento do semestre, bem como a relação de alunos que atingiram a carga-horária exigida de 180h/a para a integralização da disciplina obrigatória Atividades Complementares, com o fim de registro em seu histórico-escolar.

CAPÍTULO 3

DA OPERACIONALIZAÇÃO DA VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 8º. A validação de Atividades Complementares será feita pelo Supervisor de Atividades Complementares.

Art. 9º. A validação de carga horária pelo desenvolvimento de Atividades Complementares obedecerá ao seguinte procedimento:

- a) Preenchimento, pelo aluno, do Formulário de Atividades Complementares com as atividades realizadas;
- b) Entrega, pelo aluno, na secretaria do Curso de Museologia, do formulário de Atividades Complementares preenchido, juntamente com uma cópia dos documentos comprobatórios e o original para a validação das cópias;
- c) Análise, pelo Supervisor de Atividades Complementares, do Formulário e dos documentos comprobatórios, deferindo ou indeferindo as atividades realizadas e atribuindo carga horária, de acordo com o Quadro de Atividades Complementares, constante no Capítulo 4;
- d) Encaminhamento, pelo Supervisor de Atividades Complementares à Secretaria do curso de Museologia da relação de alunos que cumpriram os requisitos para a integralização da disciplina MUS7503 – Atividades Complementares.

Art. 10º. O Supervisor de Atividades Complementares poderá solicitar a apresentação de outros documentos, ou pedir esclarecimentos ao aluno, sempre que tiver dúvidas acerca de determinada atividade.

Art. 11º. Semestralmente, o Supervisor de Atividades Complementares definirá e tornará público o calendário para a entrega e validação das atividades e o consequente registro no sistema de controle acadêmico.

Art. 12º. É responsabilidade exclusiva do aluno:

- a) Escolher as atividades que comporão seu relatório de Atividades Complementares;
- b) Verificar se atingiu a carga horária de 180h/a;
- c) Entregar o Formulário de Atividades Complementares preenchido, com os devidos documentos comprobatórios, na Secretaria do Curso de Museologia da UFSC de acordo as datas previstas pela Coordenação do Curso.

CAPÍTULO 4 DO CÔMPUTO DA CARGA HORÁRIA

Art. 13º. Somente serão computadas, a título de Atividades Complementares, as atividades realizadas durante o período em que o aluno estiver regularmente matriculado e que sejam suficientes para a integralização do curso.

Art. 14º. As Atividades Complementares consideradas para a atribuição de carga horária estão elencadas no quadro que consta no Anexo a este regulamento.

CAPÍTULO 5 DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 15º. Os casos omissos no presente regulamento serão apreciados pelo Colegiado do Curso de Museologia que deliberará sobre o caso.

Art. 16º. O Regulamento de Atividades Complementares do Curso de Museologia entra em vigor a partir de sua aprovação no Colegiado do Curso de Graduação em Museologia.

ANEXOS

QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

PARTICIPAÇÕES E APRESENTAÇÕES		
Categorias	Carga horária máxima por item	Carga horária máxima da categoria
Comunicação/pôster/painel em seminário ou congêneres científico.	5h	20h
Participação em eventos promovidos pelo curso de museologia da UFSC, como Encontros, Congressos, Conferências, Seminários, Exposições, Concursos, Palestras.	5h	20h
Participação na produção de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia, certificada pelo professor-orientador do Trabalho.	20h	40h
Participação em grupos de estudos ou núcleos de pesquisa sob a orientação de docente ligado ao Curso.	20h	40h
Participação em projeto de extensão registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão.	10h	20h

INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ESTÁGIO E MONITORIA		
Categorias	Carga horária máxima por item	Carga horária máxima da categoria
Estágio profissional relacionado à Museologia	20h	40h
Monitoria de disciplina da graduação em Museologia, com bolsa ou voluntária.	15h	30h
Iniciação científica, como bolsista ou voluntário, certificada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFSC ou outras instituições de apoio à pesquisa.	20h	40h
Estágio não-obrigatório realizado segundo o Regimento dos Estágios do Curso de Graduação em Museologia.	20h	40h

PUBLICAÇÕES		
Categorias	Carga horária máxima por item	Carga horária máxima da categoria
Publicações de resumos em anais de congressos e similares como autor ou co-autor.	10h	30h
Publicações de trabalhos completos em anais de congressos e similares como autor ou co-autor.	10h	30h
Publicações de trabalhos completos em periódicos especializados, dotadas de Conselho Editorial, como autor ou co-autor.	10h	30h

OUTROS		
Categorias	Carga horária máxima por item	Carga horária máxima da categoria
Participação em cursos, mini-cursos, palestras vinculadas ao campo da Museologia.	4h	20h
Produção ou organização de Eventos, Curadoria, Projetos Educativos ou Exposições vinculados ao campo da Museologia.	08h	24h
Organização da Semana de Museologia da UFSC e atividades similares.	08h	24h
Disciplinas cursadas como aluno especial em outra instituição de ensino superior, desde que sejam pertinentes ao curso de graduação em Museologia e não tenham sido covalidadas.	20h	40h

**Matriz Curricular do Curso de Bacharelado em Museologia da
Universidade Federal de Santa Catarina**

1ª Fase	2ª Fase	3ª Fase	4ª Fase	5ª Fase	6ª Fase	7ª Fase	8ª Fase
Introdução a Museologia	Teoria Museológica	Pensamento Contemporâneo em Museologia	Documentação Museológica	Expografia I	Expografia II	Prática de Exposição	Estágio Curricular Obrigatório
Introdução a Antropologia	Introdução a Ciência da Informação	Comunicação em Museus	Preservação e Conservação de Bens Culturais I	Preservação e Conservação de Bens Culturais II	Ação Cultural e Educativa em Museus	Metodologia da Pesquisa	Trabalho de Conclusão de Curso
Sociologia	Memória e Museu	Biogeografia Aplicada	Educação Museal	Antropologia da Arte	Gestão de Museus	Optativa	Atividade Complementar
Metodologia Científica	Filosofia	História da Arte I	História da Arte II	História da América Independente	História do Brasil Contemporâneo	Optativa	Optativa
	Patrimônio Histórico Cultural	Acervos como fonte e objeto da pesquisa histórica	Optativa	Introdução à Arqueologia	Optativa	Optativa	Optativa

ANEXO VI – EMENTAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

Introdução à Museologia (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A formação sócio-histórica do museu moderno. Ciência, modernidade e colonialidade. A Museologia como um campo do conhecimento. Desenvolvimento do conceito de museu. Tipologias de Museus.

Bibliografia Básica

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. Museus, dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Bibliografia Complementar

ABREU, Regina. A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento. Rio de Janeiro: MHN, Anais do Museu Histórico Nacional, Vol 28, 1996.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

CHAGAS, Mario. A imaginação museal. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009 (Coleção Museu memória e cidadania).

GONÇALVES, Maria Lívia; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues. Gabinete de curiosidades: o paradoxo das maravilhas. Rio Claro: Educação: Teoria e Prática, Vol 22, n 40, 2012.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>>>. Acesso em: 10 fev 2013.

POULOT, Dominique. O modelo republicano de museu e sua tradição. In: BORGES, Maria E. L. Inovações, coleções, museus. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SÁ, Ivan Coelho. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em arquivologia, biblioteconomia e museologia. Revista Acervo. Rio de Janeiro, v. 26, n 2, p. 31-58, jul-dez 2013.

SUANO, Marlene. O que é Museu. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Metodologia Científica (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Filosofia da Ciência; Sociologia do Conhecimento; metodologia, métodos e teorias do conhecimento; ciência, natureza e sociedade; universidade e sociedade; globalização, ciência e desenvolvimento; redação de textos científicos; normas técnicas; ética e pesquisa científica.

Bibliografia Básica

DESCARTES, René. Discurso do Método. In: GUINSBURG, J.; ROMANO, R.; CUNHA, NEWTON (Orgs) Descartes obras escolhidas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES FILHO, Evaristo (Org). Augusto Comte: Sociologia. São Paulo: Ática, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

Bibliografia Complementar

BURSZTYN, Marcel; DRUMMOND, José Augusto; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Como escrever (e publicar) um trabalho científico: dicas para pesquisadores e jovens cientistas. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2008.

HINKELAMMERT, Franz. A globalidade da Terra e a estratégia da globalização. In: BORON, A; AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Brasil: Campus Virtual, Expressão Popular, Clacso, 2007.

LEFEBVRE, Henri. Lógica formal/lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

RIBEIRO, João. O que é positivismo. São Paulo: Brasiliense, 11ªed., 1994.

SAVIANI, Dermeval. Ensino Público e algumas falas sobre Universidade. São Paulo: Cortez, 1986.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. O que é Universidade. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Teoria Museológica (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A formação da teoria museológica e seus diferentes caminhos epistemológicos no século XX. Museologia e interdisciplinaridade. Fato museal. Processos de musealização. Patrimonialização. O olhar museológico sobre a realidade.

Bibliografia Básica

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (Org). Mesa redonda sobre la importância y el desarrollo de los museos em el mundo contemporáneo: Mesa redonda de Santiago de Chile, 1972. (Bilíngue). Brasília: IBRAM, IberoMuseos, 2012.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MINC, IPHAN, 2008.

Bibliografia Complementar

AZZI, Chrstine Ferreira. Vitrines e coleções: quando a moda encontra o museu. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010.

CERAVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista. [online] São Paulo, v. 12, n. 1, Dec. 2004 .

CHAGAS, Mário. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

VARINE, Hugues de. O Ecomuseu. In: Revista da Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras, n.27, 2000. p.61-90.

VARINE, Hugues. As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Pensamento Contemporâneo em Museologia (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Teoria museológica e a contemporaneidade. Identidade e Memória. Nova Museologia e Museologia Social. Museus, biodiversidade e sustentabilidade sócio-ambiental. Direitos Humanos. Acessibilidade. Museologia e conflitos sociais. Experiências contemporâneas nacionais e internacionais no campo dos museus.

Bibliografia Básica

CANCLINI, Néstor. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CHAGAS, Mario; STUDART, Denise; STORINO, Claudia (Org). Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial, ABM, 2014.

SANTANA, Cristiane Batista. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. Coleção Museu Aberto. Brodowski(SP): ACAM Portinari. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.

VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Bibliografia Complementar

CEOM. Cadernos do CEOM. Museologia Social. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Unochapecó, 2014, vol. 1, n.1.

CHAGAS, Mario de Souza. A formação profissional do museólogo: 7 imagens e 7 perigos, Cadernos de Sociomuseologia. n. 2, v.2, Lisboa: ULHT, 1994. Disponível em: <<<http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535/438>>>. Acesso em 22 jun 2015.

CHAGAS, Mario. No Museu com a turma de Charlie Brown. Cadernos de Sociomuseologia. ULHT. Lisboa. 1994, n. 2. Disponível em: <<<http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535/438>>>. Acesso em 22 jun 2015.

LODY, Raul. O negro no museu brasileiro: construindo identidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LÖWY, Michel. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. São Paulo: Cortez, 2009.

MARICATO, Ermínia. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAES, Nilson. Museu, poder e políticas culturais no Brasil. Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, Brasília, n. 5, 2011.

RAMOS, Alexandre (Org). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2010.

SCHEINER, T. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 7, n.1, p. 15-30, jan-abr. 2012. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a03v7n1.pdf>>>. Acesso em: 15 ago 2014.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Comunicação em Museus (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Informação e processos informacionais. Comunicação e Sociedade. Informação nos Museus. Comunicação em Museus. Informação, Comunicação e Ideologia. Indústria Cultural. Exposições e discursos.

Bibliografia Básica

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: ICOM, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SANTANA, Cristiane. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. São Paulo: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

SISEM-SP (Org.) Museus: o que são, para que servem? São Paulo: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

Bibliografia Complementar

BARRETO, Aldo. A questão da informação. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Seade, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<<http://www.aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>>>. Acesso em 25 mar. 2014.

BORGES, Maria Eliza (Org.) Inovações, coleções, museus. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CURY, Marília. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em Museus. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, vol. 1, p 269-279. Disponível em: <<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. Caderno de Ensaio, n.2. Rio de Janeiro Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65 a 74.

PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana (Orgs) Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

SANTOS, Fausto. Metodologia aplicada em Museus. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SCHWARCZ, Lilia M. O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SMIT, Johanna. O que é Documentação. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Documentação Museológica (06 créditos, 108h/a)

Ementa:

Documento e documentação. Objeto e informação. Museus e documentação. Sistemas de documentação/informação. Tesouros. Termos e Conceitos. Vocabulário Controlado. Registro, classificação, catalogação, inventário de coleções. Processamento técnico: marcação e numeração.

Bibliografia Básica:

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. São Paulo: Briquet de Lemos, 2014.

SÃO PAULO (Estado); SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA; ACAM PORTINARI. Documentação e Conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski, SP:ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

SISEM-SP. Museus: O que são, para que servem? Brodowski, SP: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Mares de. Bens culturais e sua proteção jurídica. Curitiba: Juruá, 2005.

Bibliografia Complementar:

CHAGAS, Mário – Em Busca do Documento Perdido: A Problemática da Construção Teórica na Área da Documentação. In: Museália, RJ, JC Editora, 1996

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle – Construindo o Conceito de Documento. In: Memória e Construções de Identidades, RJ, 7 Letras, 2000

Ética de Aquisições – publicação do International Council of Museums

FERREZ, Helena Dodd & Bianchini, Maria Helena S, Thesaurus para acervos museológicos

SANTOS, Maria Célia T. Moura – Documentação museológica, educação e cidadania, In: Santos, Maria Célia – Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

Stránsky, Zbynek Z – Política Corrente de Aquisição e Adaptação às necessidades de Amanhã.

MORO, Fernanda de Camargo- Museu: Aquisição/Documentação.

Preservação e Conservação de Bens Culturais I (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Histórico da preservação; Conceitos de preservação, conservação preventiva e conservação curativa; Legislação, cartas e recomendações nacionais e internacionais sobre preservação de bens culturais; Prevenção e segurança nos Museus; Ética profissional na conservação/restauro.

Bibliografia Básica

POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do documento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

VIOLLET-LE-DUC, Eugene Emmanuel. Restauração. Cotia: Atêlie, 2000.

Conservação: conceitos e práticas. Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

Bibliografia Complementar

FRONER, Yacy-Ara; ROSADO, Alessandra. Princípios históricos e filosóficos da conservação preventiva. Tópicos em Conservação Preventiva 02. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues e GUTHS, Saulo. Conservação Preventiva: ambientes próprios para coleções. Conservação de Acervos. MAST Colloquia 09. Rio de Janeiro. MAST. 2007.

OLIVEIRA, Raquel Diniz. Teoria e Prática da Restauração, in Patrimônio: Lazer & Turismo. Vol.06. n. 07, 2009.

KUHL, Beatriz Mugayar. Unidade conceitual e metodológica no restauro hoje. Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. 2008.

SILVA, Francelina Helena Alvarenga Lima e. Segurança e Saúde do Profissional em Conservação. Conservação de Acervos. MAST Colloquia 09. Rio de Janeiro. MAST. 2007

Educação Museal (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Educação museal: conceitos e métodos. Os projetos político, poético e pedagógico. A função educacional dos museus. Educação para o patrimônio e educação museal: diálogos possíveis. A interação e a mediação na pedagogia museal. Metas, estratégia e objetivos da educação museal. Projeto pedagógico nos museus: aspectos da pedagogia museal. Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade no pensamento educativo-museal. Os Públicos e o não público.

Bibliografia Básica

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. O ICOM - Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. Volume 1 – Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

DESVALLÉES, A., & MAIRESSE, F. Conceitos-chave de museologia. Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comité Nacional Português do ICOM. Florianópolis: FCC, 2014.

MATTOS, Yára; MATTOS, Ione Mattos. Abracaldabra: Uma aventura afetivocognitiva na relação museu-educação. Ouro Preto: Editora UFOP; 2010.

Bibliografia Complementar

GOMES, Nilma Lino. Educação E Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Maria Célia T.M. Museus e educação: conceitos e métodos. Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 31. FAPA. Porto Alegre, 2002 (pp 1 a 15)

CHAGAS, M. Educação em museus: balanços e perspectivas. In: Anais I Encontro da Rede de Educadores em Museus e centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010(p.25 – 41)

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia/ nº 15. ULHT, 1999; Lisboa, Portugal.

MARANDINO, Marta. (org.) Educação em museus: a mediação em foco. FEUSP/Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, n.10: 50-56, set./dez. 1997

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 83-106.

Expografia I (04 créditos, 72h/a)

Ementa:

Exposição como meio de comunicação. Discurso Expositivo. Teorias da Percepção e objetos museológicos. Tipologias de Exposição. Planejamento de exposições. Fundamentação teórica de projeto expositivo.

Bibliografia Básica:

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. In: As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Martins Fontes, 2010.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Inovações, Coleções, Museus. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: O museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Bibliografia Complementar:

BLANCO, Angela García. La Exposición, un medio de comunicación. Madrid: Akal, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, v. 2, 1994.

POLO, Maria Violeta. Destaques da expografia brasileira. PESQUISA EM DEBATE • Ano I • n. 1 • jul-dez 2004 • p. 57-62.

SANTAELLA, Lucia. A assinatura das coisas. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICO, Juan Carlos. Manual práctico de museologia, museografia y técnicas expositivas: Madrid: Sílex, 2006.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

FERNANDÉZ, Luis Alonso. Museologia e Museografia. Barcelona: Ediciones del Serbal, 3. ed, 2006.

Preservação e Conservação de Bens Culturais II (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Materiais e Métodos em conservação preventiva; Acervos orgânicos e inorgânicos; Tipologia de materiais que compõem acervos; Ambiente; Edificação; Mobiliário; Manuseio; Embalagem; Transporte; Reservas Técnicas e Exposição; Diagnóstico e Descrição do estado de conservação.

Bibliografia Básica

Conservação: conceitos e práticas. Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. Conservação Preventiva de Acervos. Florianópolis. FCC. 2012.

Documentação e Conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski, SP: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

Bibliografia Complementar

Conservação preventiva e procedimentos em exposições temporárias. Brodowski, SP: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

FRONER, Yacy-Ara. Reserva Técnica. Tópicos em Conservação Preventiva 08. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

ROSADO, Alessandra. Manuseio, Embalagem e Transporte de Acervos. Tópicos em Conservação Preventiva 10. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

FRONER, Yacy-Ara; ROSADO, Alessandra. Planejamento de Mobiliário. Tópicos em Conservação Preventiva 09. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

FRONER, Yacy-Ara; SOUZA, Luiz Antônio Cruz. Edifícios que abrigam coleções. Tópicos em Conservação Preventiva 06. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

Expografia II (04 créditos, 72h/a)

Ementa:

Planejamento de exposições. Projeto Expositivo. Expografia e Público. Estudo de elementos expositivos: Desenho de exposições, espaço e organização, iluminação, circulação, estudos de cor, textos e elementos auxiliares, materiais. Divulgação de Exposições. Cronograma e Orçamento.

Bibliografia Básica:

GRUPO ESPANHOL DO IIC. Conservação Preventiva e procedimentos em exposições temporárias. Brodowski, SP: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2012.

O'NEILL, Marie Clarté. O lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisas pelos museus. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2014.

RAMOS, Alexandre Dias. Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2010.

VEIGA, Ana Cecília Rocha. Gestão de projetos de museus e exposições. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

Bibliografia Complementar:

ALONSO FERNANDEZ, Luis; GARCIA FERNANDEZ, Isabel. Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje. Madrid: Alianza, 2010.

BLANCO, Angela García. La Exposición, un medio de comunicación. Madrid: Akal, 1999.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. Manual de museología. Madrid: Editorial Síntesis, 2001. 318 p. (Biblioteconomía y Documentación).

STORCHI, Ceres. O espaço das exposições: o espetáculo da cultura nos museus. Porto Alegre: Ciências e Letras, v.31, 2002.

Ação Cultural e Educativa em Espaços Museológicos (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Museologia, educação e cultura: desafios e possibilidades. Pensamento pedagógico brasileiro e os processos museais. Antecedentes históricos da relação entre educação e museu. Direito de memória: fruição, interatividade, acessibilidade e outras demandas. Dialética museu-escola. O programa educativo no Plano museológico. A ação cultural e educativa: pressupostos teórico-metodológicos. Ação Educativa e avaliação.

Bibliografia Básica

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. O ICOM - Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. Volume 1 – Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDUSP/ Porto Alegre: Zouk, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.

DESVALLÉES, A., & MAIRESSE, F. Conceitos-chave de museologia. Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comité Nacional Português do ICOM. Florianópolis: FCC, 2014

Bibliografia Complementar

LOPES, Maria Margaret Lopes. A Favor da descolonização dos museus. Revista Educação & Sociedade. Nº 40, dezembro, 1991

VARINE, Hugues. Patrimônio e educação popular. Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, FAPA. Porto Alegre, 2002.

FREIRE, Beatriz Muniz. Ação educativa com público escolar: a experiência do Museu de Folclore Edison Carneiro. Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, FAPA. Porto Alegre, 2002

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: o direito a cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. Ciências & Letras. Porto Alegre, n.31, jan./jun. 2002.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana. Museus: dos Gabinetes de Curiosidades e à Museologia Moderna. Belo Horizonte; Brasília: Argumentum: CNPq, 2005.

MARANDINO, Marta (Org.). Museu como lugar de cidadania. In: Museu e escola: educação formal e não-formal. TV Escola/Salto Para o Futuro. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009. Ministério da Educação.

Gestão de Museus (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Noções de gerenciamento de museus e de coleções museológicas; análise das legislações nacionais e internacionais que regem as práticas museológicas de aquisição, salvaguarda e comunicação de acervos; os códigos de conduta ética dos profissionais de museus. Estudo e análise de “Planos e Programas museológicos” em instituições com natureza de museu, públicas e privadas; composição dos recursos humanos e estruturação espacial das coleções, assim como os procedimentos para efetuar os seus deslocamentos internos e externos. Noções básicas de adequação dos espaços para a acessibilidade dos mais diversos públicos. Princípios de segurança física e informacional das coleções que compõem os museus.

Bibliografia Básica

- SERRA, Filipe Mascarenhas. Práticas de gestão nos museus portugueses. Lisboa: Universidade Católica, 2007.
- MCU. Guia para um Plan de Proteccion de Colecciones ante emergências. Espanha: Fareso, 2009.
- VEIGA, Ana Cecília Rocha. Gestão de projetos de museus e exposições. Belo Horizonte: C/Artes, 2013.

Bibliografia Complementar

- GIRAUDY, Daniele; Bouilhet, Henri. O Museu e a Vida. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.
- MASON, Thimoty. Gestão Museológica: Desafios e Práticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: British Council: VITAE, 2004. (Série Museologia n, 7)
- CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento. Editora Medianiz, 2013.
- SEGURANÇA DE MUSEUS, Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: VIITAE, 2003. - (Série Museologia: roteiros práticos; 4);
- AA. VV. Criterios para la elaboración del Plan Museológico. Madrid: Ministério da Cultura, 2005.

Prática de Exposição (06 créditos, 108h/a)

Ementa:

Montagem, Desmontagem e Avaliação de uma Exposição Museológica.

Bibliografia Básica:

AUMONT, Jacques. A Imagem. Campinas: Papirus, 1993.

CUTY, Jeniffer; CARDOSO, Eduardo (org.). Acessibilidade em ambientes culturais. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

MUSEUMS & Galleries Commission. Museologia. Roteiros práticos, 8. Acessibilidade. São Paulo: EDUSP; Vitae, 2005.

Bibliografia Complementar:

ALAMBERT, Clara Correia d'. Exposição: materiais e técnicas de montagem. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BLANCO, Angela Garcia. La Exposición, un medio de comunicación. Madrid: Akal, 1999

CURY, Marília Xavier. Cultura da avaliação. In: Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

FERNANDEZ, Luis Alonso; FERNANDEZ, Isabel Garcia. Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje. Madrid: Alianza Editorial, 1999

LOCKER, Pam. DISEÑO DE EXPOSICIONES. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

Metodologia da Pesquisa (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Filosofia da Ciência; Sociologia do Conhecimento; metodologia, métodos e teorias do conhecimento; ciência, natureza e sociedade; universidade e sociedade; globalização, ciência e desenvolvimento; redação de textos científicos; normas técnicas; ética e pesquisa científica.

Bibliografia Básica

DESCARTES, René. Discurso do Método. In: GUINSBURG, J.; ROMANO, R.; CUNHA, NEWTON (Orgs) Descartes obras escolhidas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES FILHO, Evaristo (Org). Augusto Comte: Sociologia. São Paulo: Ática, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

Bibliografia Complementar

BURSZTYN, Marcel; DRUMMOND, José Augusto; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Como escrever (e publicar) um trabalho científico: dicas para pesquisadores e jovens cientistas. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2008.

HINKELAMMERT, Franz. A globalidade da Terra e a estratégia da globalização. In: BORON, A; AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Brasil: Campus Virtual, Expressão Popular, Clacso, 2007.

LEFEBVRE, Henri. Lógica formal/lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

RIBEIRO, João. O que é positivismo. São Paulo: Brasiliense, 11ªed., 1994.

SAVIANI, Dermeval. Ensino Público e algumas falas sobre Universidade. São Paulo: Cortez, 1986.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. O que é Universidade. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Estágio Curricular (10 créditos, 180h/a)

Ementa: Estágio curricular supervisionado por um professor que ministre aulas no Curso de Graduação em Museologia e por um profissional da instituição museológica concedente do estágio, constando de atividades em áreas de atuação compatíveis com as atribuições dos profissionais museólogos e do campo da Museologia.

Bibliografia Básica

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

VARINE, Hugues. As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Bibliografia Complementar

IBRAM. Museus em números volume 1. Brasília: IBRAM, 2011.

IBRAM. Museus em números volume 2a. Brasília: IBRAM, 2011.

IBRAM. Museus em números volume 2b. Brasília: IBRAM, 2011.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A epidemia da terceirização. In: ANTUNES, Ricardo (Org). Riqueza e miséria no mundo do trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2014.

Trabalho de Conclusão de Curso (08 créditos, 144h/a)

Ementa: Desenvolvimento e apresentação de trabalho monográfico.

Bibliografia Básica

BARROS, Aidil; LEHFELD, Neide. Fundamentos de Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KAHLMAYER-MERTENS et al. Como elaborar projetos de pesquisa: Linguagem e método. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar

GONZALEZ CASANOVA, Pablo. As novas ciências e as humanidades da academia à política. São Paulo: Boitempo, 2006.

IBRAM. Museus em números volumes 1, 2 e 3. Brasília: IBRAM, 2011.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. Sistema Brasileiro de Museus. Publicações impressas e eletrônicas. Caderno de diretrizes e bases [online]. Pp. 92-106. Disponível em: <<<http://goo.gl/ZVD2X7>>>. Acesso em: 29 mai 2014.

LÖWY, Michel. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. São Paulo: Cortez, 2009.

OLSEN, Wendy. Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Museologia e Patrimônio [online], vol.II, n. 1, jan.-jun., 2009, p.79-84.

Introdução à Antropologia (06 créditos, 108h/a)

Ementa: A constituição da Antropologia como disciplina e seu campo de estudo. A crítica ao etnocentrismo e o relativismo cultural. Questões de método: trabalho de campo e observação participante. Os precursores e o evolucionismo social na conformação da Antropologia como disciplina.

Bibliografia Básica:

ASUAGA, J.L & MARTINEZ, I., La especie elegida, (passagens : 29-41 ; 89-115)
HAVILLAND, W. ; PRINS, H.E.L ; WARRATH, D. & McBRIDE, B. Principios de Antropologia, Cap 4 Evolução Humana, pp. 87-104,
PICQ, Pascal, Nova Historia do homem (passagens: cap 3 e 4 pp 88-182), Temas e Debate, 2009 [2005].

Bibliografia Complementar:

GEERTZ, Clifford. 1978, O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem In A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar. (pg. 45-66)
INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 1995.
INGOLD, Tim. A Evolução da Sociedade, In FABIAN, A. C. (org.). 2003. Evolução – sociedade ciência e universo. Bauru: EDUSC. p. 107-131.
CUCHE, Denys, A noção de cultura nas ciências Sociais.
DA MATTA, Roberto, 1986, Você tem cultura? Em Explorações. Rocco, Rio de Janeiro p. 121-128.

Patrimônio Histórico Cultural (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Formação da Identidade Nacional; a Semana de Arte de 22; Patrimônio Cultural - Histórico e Cultural; Patrimônio Material e Imaterial.

Bibliografia Básica:

DURHAM, Eunice Ribeiro. Cultura, patrimônio e preservação. Texto II. In: Antonio Arantes (org.). Produzindo o passado: estratégia de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984. (23-58). (BU: 791(81)P964).

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. “O patrimônio como categoria de pensamento”. In: Regina Abreu e Mário Chagas. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. (19-33).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.

Bibliografia Complementar:

CANCLINI, Nestor Garcia. “El Porvenir del pasado”. In: Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Nueva Edición. Buenos Aires: Paidós 2005. (157-194).

ARANTES, Antonio Augusto (2002). “Cultura, ciudadanía y patrimonio en América latina”. In: Lacarrieu, Mónica e Álavarez, Marcelo (Comp.). La (indi)gestión cultural: una cartografía de los procesos culturales contemporáneos. Ed.Ciccus/Ed. La Crujía, Buenos Aires.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/ UNESP, 2001.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil, Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. “A fase heróica”. In: O patrimônio em Processo. Trajetória da política federal de preservação no B.rasil. Rio de Janeiro: MinC – Iphan, 2005.2º edição. (296 p.).

Antropologia da Arte (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A arte como objeto de estudo antropológico: etnoestética, etnomusicologia, etnocooreologia e outros e sub-campos da área. Arte como código sócio-cultural: principais tendências teórico-metodológicas. Arte e artisticidade. Arte e agência. Artes populares, eruditas, folclóricas e indígenas. Etnografias clássicas, modernas e recentes sobre a arte. Estudos recentes no Brasil.

Bibliografia Básica

Adorno, Theodor W. 1982. Teoria Estética. Lisboa: Edições 70, 11-27.
Benjamin, Walter. 1969. A Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução, in Sociologia da Arte, IV, G. Velho, org., Rio de Janeiro: Zahar, pp. 15-47.
Eco, Umberto. 1981. A Definição da Arte. Lisboa: Edições 70, pp. 123-149.
Geertz, Clifford. 1998. A Arte como um (sic) Sistema Cultural, in O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa, Petrópolis: Vozes, pp. 142-181.

Bibliografia Complementar

Lévi-Strauss, Claude. 1991. O Cru e o Cozido (Mitológicas I). São Paulo: Brasiliense, pp. 11-39.
Lagrou, Elsje Maris. 2003. Antropologia e Arte: Uma Relação de Amor e Ódio, in Ilha 5(2): 93-113.
Menezes Bastos, Rafael José de. 2006. “Leonardo, a Flauta: Uns Sentimentos Selvagens”, *Revista de Antropologia*, 49 (2): 557-579.
Price, S. 2000. Arte Primitiva em Centros Civilizados. Rio de Janeiro: Edurfrj, pp. 46-62.
Vidal, Lux e Aracy Lopes da Silva. 1992. Antropologia Estética: Enfoques Teóricos e Contribuições Metodológicas, in Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética, Lux Vidal, org., São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp, pp. 279-293.

Sociologia (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Origens e definição de sociologia. As correntes clássicas: Marx, Durkheim e Weber. Estratificação Social. A reflexão sociológica sobre as transformações da modernidade: globalização, segunda-modernidade, pós-modernidade, sociedade informacional e de redes e outras abordagens. As transformações sociais do Brasil contemporâneo: globalização, democracia, reforma do Estado, cultura e movimentos sociais.

Bibliografia Básica

- BAUMAN, Zygmunt. O mal estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. SP: Martins Fontes, 2002.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DURKHEIM, E. Da divisão do trabalho social. SP: Martins Fontes, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer, Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 2. ed. São Paulo: M. Claret, 2000.
- QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Marcia Gardenia de. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 159p.

Bibliografia Complementar

- ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. SP, Martins Fontes, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1989.
- COSTA, Cristina. Sociologia: introdução à uma ciência da sociedade. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
- GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa, Presença, 1990.
- SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2002.
- SORJ, Bernardo. A Nova Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- WEBER, M. Economia e Sociedade. Brasília: UNB, 2000.
- H. GERTH; C.W. MILLS (Org). Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

Introdução à Ciência da Informação (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Busca identificar a perspectiva histórico/social da Ciência da Informação no mundo e no Brasil. Compreender os aportes teóricos e seus pioneiros. Inserção da Ciência da Informação nas Ciências Sociais Aplicadas segundo seu objeto de estudo, suas teorias e sua interdisciplinaridade.

Bibliografia Básica

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. São Paulo: Briquet de Lemos, 2014.
- BRAGA, G. M.; PINHEIRO, L. V. R. (Org.). Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento. Brasília: Unesco/IBICT, 2009.
- BURKE, P. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.
- LE COADIC, Y. F. A ciência da informação. 2. ed. rev. atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.
- MATTELART, Armand; MATTELART; Michéle. História das teorias da comunicação. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- PINHEIRO, L. V. R.; GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro: IBICT, 2000.

Bibliografia Complementar

- AQUINO, Mirian (Org.). O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002.
- BAPTISTA, S. G.; MÜELLER, S. P. M. (Org.). Profissional da informação: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004.
- CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Org.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- DE MASI, D. A sociedade pós-industrial. São Paulo: SENAC, 1999.
- DRUCKER, P. Sociedade pós-capitalista. São Paulo: Pioneira, 1997.
- FONSECA, Maria Odila. Arquivologia e ciência da informação. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FUJITA, M.S.; MARTELETO, R.M.; LARA, M.G. (Org.). A dimensão epistemológica da ciência da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.
- GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENTUIT, Aldinar; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional: o olhar da filosofia, da sociologia, da ciência da informação e da formação e do exercício profissional do bibliotecário no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.
- GUINCHAT, C.; MENO, M. Introdução às ciências e técnicas de informação e documentação. Brasília: IBICT, 1994.
- LEVY, P. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LOJKINE, J. A revolução informacional. São Paulo: Cortez, 1999.
- McGARRY, K. O contexto dinâmico da informação. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.
- MOSTAFA, Solange Puntel. Filosofia da diferença e a Ciência da Informação. Rio de Janeiro: e-papers, 2013.

MUELLER, Suzana Machado Pinheiro; BRAGA, Kátia Soares. Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília, DF: Thesaurus, 2007.

OLIVEIRA, Marlene de; CENDON, Beatriz Valadares. Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. Teoria matemática da comunicação. São Paulo: Difel, 1975.

SHERA, Jesse H. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: Gomes, Hagar. E. (Org.). Ciência da informação ou informática?. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SILVA, Armando Malheiro. Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação. 3. ed. Porto: Afrontamento, 2009.

SILVA, Armando Malheiro. A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. Paradigmas, serviços e mediações em ciência da informação. Recife: Néctar, 2011.

RUSSO, Mariza. Fundamentos em biblioteconomia e ciência da informação. Rio de Janeiro: e-papers, 2010.

TAKAHASHI, T. (Org.). Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TOUTAIN, Lúcia (Org.). Para entender a ciência da informação. Salvador: Edufba, 2007.

VALENTIM, M. L. (Org.). Atuação profissional na área de informação. São Paulo: Polis, 2004.

Biogeografia Aplicada (04 créditos, 72h/a)

Ementa: identificação e análise de áreas de distribuição dos seres vivos e interpretação dos fatores geográficos e ecológicos dos meios em suas interrelações.

Bibliografia Básica:

NEWBIGIN, M. 1949. Geografia de Plantas e Animales. Ed. Fondo de Cultura Econômia. México. p. 37-38.

FERRI, M.G. 1980. Ecologia Geral. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia. EDUSP, São Paulo.

CLEMENT, C. R. 1992. Frutas da Amazônia. Rev. Ci. Hoje, 14(83): 28-37

Bibliografia Complementar:

LACOSTE, A. & SALANON, R. 1973. Biogeografia. Barcelona. Ed. Oikos-tau.

MARGALEF, R. 1981. Ecologia. Barcelona. Ediciones Omega S.A. Barcelona.

MARTINS, C. 1985. Biogeografia e Ecologia. 5^a. ed. São Paulo. Ed. Nobel

WALTER, H. 1986. Vegetação e Zonas Climáticas - Tratado de ecologia global. EPU. São Paulo.

FERNANDES, V. Zoologia . 1981. Coleção Currículo de Estudos de Biologia. EPU. São Paulo.

Filosofia (04 créditos, 72h/a)

Ementa: História das idéias filosóficas no Brasil. Possibilidades de uma “filosofia brasileira”.

Bibliografia Básica:

ARAN TES, Paulo Eduardo. Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias. Goiânia: Ed. UFG, 2009

COSTA, João Cruz Contribuição para a história da idéias no Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Bibliografia Complementar:

JAIME, Jorge . História da Filosofia no Brasil. Vol. I. Petrópolis, Vozes, 1997

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira. 5 ed., São Paulo, Ática, 1985.

ROIG, Arturo Andrés. El pensamiento latinoamericano y su aventura. Tomo II. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994

SEVERINO, Antonio Joaquim. A filosofia contemporânea no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1999.

ZEA, Leopoldo. Filosofía de la historia americana. México: Fondo de Cultura Económica, 1978

Língua Brasileira de Sinais I (04 créditos, 60h/a)

Ementa: Cultura e identidade surda. Desconstrução dos mitos em relação às línguas de sinais A Língua de Sinais Brasileira - Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas de léxico, de morfologia e de sintaxe com apoio de recursos visuais (figuras, fotos, dramatizações, etc.). Práticas de Libras em contexto.

Bibliografia Básica:

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo, Editora Parábola: 2009

Bibliografia Complementar:

Dicionários virtuais de apoio:

<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

<http://www.dicionariolibras.com.br/>

Memória e Museu (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Memória individual e coletiva, memória e identidade, construção da memória em patrimônio cultural, usos políticos do passado; padrões discursivos de representação do passado e da cultura em museus.

Bibliografia Básica:

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CLIFFORD, James. “Colecionando Arte e Cultura”. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN, 1994 P. 69-89.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história – a problemática dos lugares”. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História; Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”, Rio de Janeiro, Estudos Históricos, v.2 no. 3, 1989, pp3-15.

Bibliografia Complementar:

- ABREU, Regina. A Fabricação do Imortal: memória, História e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco:Lapa, 1996
- ABREU, R., CHAGAS, M. & SANTOS, M. Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Ed.IPHAN/GARAMOND, 2007
- BREFE, Ana Cláudia F. O Museu Paulista. Affonso de Taunay e a memória nacional. 1917-1945. São Paulo: Ed. UNESP/ Museu Paulista, 2005.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. Unicamp. 1992.
- MENEZES, Ulpiano B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, [online], v.2, pp. 9-42, jan/dez 1995.
- RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: Unicamp, 2008.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

História da Arte I (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Estudo analítico e crítico da produção artística no Ocidente da Antiguidade à Contemporaneidade: arte como expressão da sociedade moderna e contemporânea - principais correntes, movimentos e manifestações.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e crítica de Arte. Lisboa: Estampa, 1988.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual. São Paulo: Pioneira, 1986.

GOMBRICH, E.H. Norma e forma. São Paulo: Martins Fontes, 1990

Bibliografia Complementar:

MUNFORD, Lewis. Arte e técnica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NEIVA JR., Eduardo. A imagem. São Paulo: Ática, 1986.

NOVAES, Adauto (org.). O olhar. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. São Paulo: Ática, 186.

OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. São Paulo: Cultrix, 1986.

História da Arte II (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Estudo das diversas manifestações artístico-culturais na América Latina, do período colonial à contemporaneidade. Influência das matrizes ibéricas, indígenas e africanas na formação artístico-cultural brasileira: manifestações culturais e artísticas do movimento modernista brasileiro até a contemporaneidade.

Bibliografia Básica:

ALPERS, Svetlana. 1999. A Arte de Descrever: A Arte Holandesa no Século XVII. São Paulo: EDUSP.

ARDI, Pietro Maria. 1992. História da Arte Brasileira. São Paulo: Editora Cia. das Letras.

DE FUSCO, Renato. 1988. História da Arte Contemporânea. Lisboa: Editora Presença.

GOMBRICH, E. H. 1988. A História da Arte. Rio de Janeiro: Guanabara.

Bibliografia Complementar:

MUNFORD, Lewis. Arte e técnica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NEIVA JR., Eduardo. A imagem. São Paulo: Ática, 1986.

NOVAES, Adauto (org.). O olhar. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. São Paulo: Ática, 186.

OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. São Paulo: Cultrix, 1986.

Acervos como fonte e objeto da pesquisa histórica (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A História e sua relação com o tempo e a memória. A noção de teoria e a formação dos conceitos em história. Os arquivos na epistemologia da História. Práticas de representação do passado em arquivos e museus. Principais correntes historiográficas contemporâneas.

Bibliografia Básica:

BLOCH, Marc. Apologia da história, ou, o ofício de historiador. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

PROST, Antoine. Doze Lições sobre a História. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. Unicamp. 1992.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 143-180

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: Unicamp, 2008.

Bibliografia Complementar:

COOK, Terry et alli. Arquivos, Documentos e Poder: a construção da memória moderna. Registro [Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba], Indaiatuba-SP, n.3, jul. 2004, p. 18-33. Disponível na Internet: http://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/pdf/registro_3.pdf

FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. São Paulo: Edusp, 2009

HARTOG, François. “Tempo e Patrimônio”. Varia História. Belo Horizonte, vo. 22, no. 36, pp. 261-273, jul/dez 2006.

LARA, Sílvia H. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 187-196, dez. 2008. Disponível em: <HTTP://seer.ufrgs.br/anos90/issue/view/721/show/Toc>

LUCA, Tania Regina de (Orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

História do Brasil Contemporâneo (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A formação do Brasil Contemporâneo: da 1ª República à ditadura militar. A redemocratização e o Brasil atual: temas e questões contemporâneas.

Bibliografia Básica:

GOMES, Flávio (Org). Mocambos de Palmares: Histórias e Fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7 letras/Faperj, 2010.

EDO, Luciano R. Rebeliões no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FIGUEIR

CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios no Brasil. 2 ed., São Paulo: Fapesp/Cia das Letras, 1998.

Bibliografia Complementar:

FAUSTO, Bóris. História do Brasil. 11 ed., São Paulo: EDUSP, 2003. 660p.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 34 ed., Rio de Janeiro: Record, 1998. 569 p.

HABERT, Nadine. A Década de 70. Apogeu e Crise da Ditadura Militar Brasileira. 3 ed., São Paulo: Ática, 1986. 95 p.

HOLANDA, Sergio B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 220 p.

LINHARES, Maria Yedda. História Geral do Brasil. 8 ed., Rio de Janeiro: Campus, 1990.

História da América Independente (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Estudo da trajetória histórica dos países da América de colonização espanhola, francesa e inglesa, a partir dos processos de independência e as formas de abordagens didático-pedagógicas.

Bibliografia Básica:

KAPLAN, Marcos. Formação do Estado nacional na América Latina. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LENIN, V. I. O imperialismo, fase superior do capitalismo. Várias edições.

LOWENTHAL, Abraham. La convivencia imperfecta: Los Estados Unidos y América Latina. México: Nueva Imagen, 1989.

PETRAS, James e VELTMEYER, Henry. Hegemonia dos Estados Unidos no novo milênio. Petrópolis: Vozes, 2000.

Bibliografia Complementar:

AGUILLAR MONTEVERDE, Alonso. El panamericanismo: de la Doctrina Monroe a la Doctrina Johnson. México: Cuadernos Americanos, 1965.

BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BETHELL, Leslie (org.) História da América Latina: da independência até 1870. São Paulo: EDUSP, vol. III, 2001.

CARMAGNANI, Marcello. Estado y sociedad en América Latina. Barcelona: Grijalbo, 1984. CUEVA, Agustín. O desenvolvimento do capitalismo na América Latina. São Paulo: Global, 1983.

CHOMSKY, Noam e DIETERICH, Heinz. A sociedade global: educação, mercado e democracia. Blumenau: FURB, 1999.

Tópico Especial: Introdução a Arqueologia (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Arqueologia Brasileira. Natureza e objetivos da arqueologia. Sítios arqueológicos brasileiros e evidenciação das estruturas arqueológicas. Populações pré-históricas do Brasil

Bibliografia Básica:

BANDEIRA, D.R. **Mudanças na estratégia de subsistência. O Sítio Arqueológico Enseada I: Um estudo de caso.** Tese de Mestrado, Florianópolis, UFSc, 1992.
BELTRÃO, M.C. & ANDRADE, Lima T. Mumificações naturais na pré-história Brasileira. In: **Revista de Arqueologia.** Belém, 3(1): 3-39.
BEZERRA DE MENEZES, U.A. “New Archaeology”: A Arqueologia como Ciência Social. In: **Diálogos sobre a Arqueologia.** Terceira Série, Ano 1, n. 1, 1983.

Bibliografia Complementar:

CHANG, K.C. **Nuevas perspectivas en Arqueologia.** Madrid: Alianza Editorial, 1982.
CLARK, G. **A identidade do homem - uma exploração arqueológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.
FOSSARI, T.D. Cultura pré-histórica da Ilha de Santa Catarina. In: **História sócio-cultural de Florianópolis.** Ferreira de Mello (org.), Florianópolis: Clube 12 de Agosto/IHGSC/Lunardelli, 1991.
FUNARI, P.P.A. **Arqueologia.** São Paulo: Vozes, 1988.
GUIDON, M. As ocupações pré-históricas (execetuando a Amzônia). In: **História dos índios do Brasil.** CUNHA, M.. (org.). São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

ANEXO VII – EMENTAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

Fomento e Projetos Culturais (02 créditos – 36h/a)

Ementa: Ferramentas de gestão de instituições culturais. Natureza e particularidades de projetos de fomento. A ética na gestão e produção cultural. Leis de incentivo a cultura e sua aplicação. Políticas públicas e impactos no campo museológico.

Bibliografia Básica

BARBALHO, Alexandre et al (Org). Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas. Salvador: EdUFBA, 2011. Disponível em: <<<https://goo.gl/c3EQIX>>>. Acesso em: 29 out 2015.

RUBIM, Antonio; BARBALHO, Alexandre; CALABRE, Lia (Org). Políticas culturais no governo Dilma. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18069>>>. Acesso em: 29 out 2015.

RUBIM, Antonio (Org). Políticas culturais no governo Lula. Salvador: EdUFBA, 2010. Disponível em: <<<https://goo.gl/c3EQIX>>>. Acesso em: 29 out 2015.

WU, Chin-Tao. Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80. São Paulo: Boitempo, SESC-SP, 2006.

Bibliografia Complementar

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

DA COSTA, Frederico. Política e gestão cultural: perspectivas Brasil e França (Org). Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<<https://goo.gl/c3EQIX>>>. Acesso em: 29 out 2015.

DAMASCENO, Wagner. A situação dos museólogos brasileiros: uma análise sobre trabalho e precarização. In: VI Seminário Nacional de Sociologia e Política da UFPR, 2015, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: UFPR, 2015. Disponível em: <<http://www.e-democracia.com.br/sociologia/anais_2015/busca/>>. Acesso em: 29 out 2015.

MASCARO, Alysson. Estado e forma política. São Paulo: Boitempo, 2013.

NASCIMENTO, José. Economia de Museus. Brasília: IBRAM/MINC, 2010.

RUBIM, Antonio; ROCHA, Renata (Org). Políticas culturais para as cidades. Salvador : EdUFBA, 2010. Disponível em: <<<https://goo.gl/c3EQIX>>>. Acesso em: 29 out 2015.

SANTOS, Myrian. Museus brasileiros e política cultural. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Brasil, v. 19, n. 55, 2004.

Segurança em Museus (02 créditos – 36h/a)

Ementa: Princípios de segurança física -passiva e ativa- e informacional das coleções que compõem os museus. Noções básicas de adequação dos espaços para a acessibilidade dos mais diversos públicos.

Bibliografia Básica

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DE DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS E DIRETRIZES INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO SOBRE OBJETOS: categorias de informação do CIDOC-ICOM. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.

DOCUMENTAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS: Diretrizes. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; ACAM Portinari, 2010.

MASON, Timothy. Gestão museológica: desafios e práticas. São Paulo: EDUSP, 2004.

LEGISLAÇÃO SOBRE MUSEUS. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

Bibliografia Complementar

CHUVA, Marcia Regina & NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio Cultural Políticas e Perspectivas de Preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2012.

PREVENÇÃO E SEGURANÇA NOS MUSEUS / DIREÇÃO DE MUSEUS. Ministério da Cultura e Meio Ambiente da França. Tradução de Fernanda de Camargo e Almeida-Moro e Lourdes M. Martins do Rego Novaes. Rio de Janeiro: Associação de Membros do ICOM. Comitê Técnico Consultivo de Segurança, 1978.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Mares de. Bens culturais e sua proteção jurídica. Curitiba: Juruá, 2005.

ZAMITH, J. L. C. Gestão de riscos e prevenção de perdas um novo paradigma para a segurança nas organizações. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

Museologia e Coleccionismo (04 créditos – 72h/a)

Ementa: Práticas de colecionamento. A coleção como patrimônio. Os objetos, materialidade, intencionalidade e historicidade; seu valor social e ritual, suas significações e re-significações nos diversos espaços/lugares/instituições de memória. Tipologias das coleções e dos objetos. O colecionador como guardião de memória.

Bibliografia Básica

- BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. Museus, dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005.

Bibliografia Complementar

- ALMEIDA, Cicero Antonio F. Objetos que se oferecem ao olhar. Colecionadores e o “desejo de museu”. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN, 2012. p. 183-200.
- APPADURAI, A. A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BARTHES, Roland. Semântica do objeto. In: BARTHES, Roland. Aventura semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 205-218.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas II: rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MOLES, Abraham A. Teoria dos objetos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. p.75-81.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.
- POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando. Memória-História. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.
- POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35- 49.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Ed. Argos: Chapeco. 2004.
- STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Pesquisa Aplicada a Acervos Museológicos I (03 créditos, 54h/a)

Ementa: Estudos Aplicados a Pesquisa Museológica – recepção, documentação e preservação.

Bibliografia Básica:

POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do documento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SISEM-SP. Museus: O que são, para que servem? Brodowski, SP: ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

VEIGA, Ana Cecília Rocha. Gestão de projetos de museus e exposições. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

Bibliografia Complementar:

Ética de Aquisições – publicação do International Council of Museums

PORTINARI. Documentação e Conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski, SP:ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

MASON, Thimoty. Gestão Museológica: Desafios e Práticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: British Council: VITAE, 2004. (Série Museologia n, 7)

CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento. Editora Medianiz, 2013.

Pesquisa Aplicada a Acervos Museológicos II (03 créditos, 54h/a)

Ementa: Estudos Aplicados a Pesquisa Museológica – investigação, comunicação, conservação.

Bibliografia Básica:

Conservação: conceitos e práticas. Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: O museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MCU. Guia para um Plan de Proteccion de Colecciones ante emergências. Espanha: Fareso, 2009.

Bibliografia Complementar:

FRONER, Yacy-Ara; ROSADO, Alessandra. Princípios históricos e filosóficos da conservação preventiva. Tópicos em Conservação Preventiva 02. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. Manual de museología. Madrid: Editorial Síntesis, 2001. 318 p. (Biblioteconomía y Documentación).

CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues e GUTHS, Saulo. Conservação Preventiva: ambientes próprios para coleções. Conservação de Acervos. MAST Colloquia 09. Rio de Janeiro. MAST. 2007.

MUSEUMS & Galleries Commission. Museologia. Roteiros práticos, 8. Acessibilidade. São Paulo: EDUSP; Vitae, 2005.

Museologia e Patrimônio Imaterial (04 créditos –72h/a)

Ementa: A construção de uma ecologia do conhecimento (espaço, ambiente para produção e apropriação de conhecimento) na ambiência do patrimônio imaterial. Tangibilidade e intangibilidade: Políticas públicas de salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial e a análise holística do patrimônio cultural. IPHAN, IBRAM e UNESCO e as políticas públicas de proteção, fortalecimento e fruição do patrimônio cultural de natureza imaterial. O patrimônio imaterial nos museus: musealização do intangível. Tesouros humanos vivos: valorização e fruição dos saberes e fazeres dos povos.

Bibliografia Básica

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. SP: DP&A Editora, 2003.
EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.
POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do documento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Bibliografia Complementar

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2011.
CARVALHO, Ana. Os Museus e o Patrimônio Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas. Vol. 28, Biblioteca – Estudos & Colóquios. Lisboa: Edições Colibri, CIDEHUS-Universidade de Évora. 2011.
Os Sambas, As Rodas, Os Bambas, Os Meus e os Bois. IPHAN (2003 – 2010).
POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
BRAYNER, Natália Guerra. Patrimônio cultural imaterial: para saber mais. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
CARVALHO, Ana. Os Museus e o Patrimônio Cultural Imaterial. Algumas considerações. Artigo baseado na dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2009 na Universidade de Évora.
CAVALCANTI, Maria L. V. de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil. Legislação e Políticas Estaduais. IPHAN. Brasília, 2008.
CHAGAS, Mario. Cultura, Patrimônio e Memória. Revista Museu. 2013.
(<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>)
CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2010, Porto. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010. v. 1. p. 269-279.
DAMASCENO, Wagner. Uma abordagem sócio-histórica das coleções principescas e dos gabinetes de curiosidades. Revista eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 2, n.1, 2014. Disponível em: <<<http://ventilandoacervos.museus.gov.br/vol-2-nov-2014/>>>. Acesso em: 29 out 2015.

Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003. Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASSOS, Antonio Marcos. Os jovens, o candomblé e os processos museais. MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 4. 2009. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Museus, 2009. Disponível em: <<<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>>>. Acesso em: 29 out 2015.

PINTO, Celina Bárbaro. Museu, comunidade e patrimônio cultural imaterial: um estudo de caso - o Museu da Terra de Miranda. MIDAS [Online], 2, 2013.

SABINO, Paulo. O Espaço museológico como local de sofrimento ético/político em relação à deficiência. In: I Seminário Brasileiro de Museologia, 2014, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2015. ISSN 2446-8940. Disponível em: <<<https://anaissebramus.files.wordpress.com/2015/06/anais-completo.pdf>>>. Acesso em: 21 out 2015.

SIMÃO, Lucieni de Menezes. Os mediadores do patrimônio imaterial, 2003.

SOUZA, Willian Eduardo R. de; CRIPPA, Giulia. O patrimônio como processo: uma idéia que supera a oposição material-imaterial. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2011.

Museologia Social e Processos Museais (04 créditos – 72h/a)

Ementa: Jornada conceitual: museologia social, processos museais, cidadania cultural e inventário participativo. Estatuto de Museus e o interesse público: contexto político, jurídico e técnico. Uso social da memória no fortalecimento do sentimento de pertença, a partir do protagonismo social em projetos museais. Programa Pontos de Memória: contexto histórico. Prêmio Pontos de Memória (OEI e IBRAM): Iniciativas pioneiras e contemporâneas, gestão compartilhada, impacto sociocultural e sustentabilidade das ações. Pontos de Memória e a articulação em rede. Museu como processo: discussão das demandas sociais. Estudos de caso - iniciativas comunitárias em memória e museologia social: Ponto de Memória, Museu Comunitário e Ecomuseu.

Bibliografia Básica

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DESVALLES, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.
- SANTANA, Cristiane Batista. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. Coleção Museu Aberto. Brodowski(SP): ACAM Portinari. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.
- VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Bibliografia Complementar

- AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. Ciências & Letras. Porto Alegre, n.31, jan./jun. 2002.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. O ICOM - Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. Volume 1 – Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.
- CEOM. Cadernos do CEOM. Museologia Social. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Unochapecó, 2014, vol. 1, n.1.
- PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de Sociomuseologia. V. 16. nº 16, 1999.
- PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia. nº 15. ULHT, 1999; Lisboa, Portugal.

Museus, Estado e Ideologia (04créditos – 72h/a)

Ementa: Formação do Museu Moderno. Estado, forma política e dominação. Museus e ideologia. Exposições, ideologia e representações sociais.

Bibliografia Básica

BORGES, Maria E. L. Inovações, coleções, museus. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
LENIN, V. I. O Estado e a Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Bibliografia Complementar

CADERNOS CEOM. Museologia Social. Cadernos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Unochapecó, 2014, ano 27, n. 41.
CERRONI, Humberto. Política: métodos, teorias, processos, sujeitos, instituições, categorias. São Paulo: Brasiliense, 1993.
ABREU, Haroldo. Para além dos Direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento. Rio de Janeiro: MHN, Anais do Museu Histórico Nacional, Vol 28, 1996.
HIRSCH, Joachim. Teoria materialista do Estado. Rio de Janeiro: Revan, 2010.
ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do Socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2014.
MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo, 2012.
MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
MASCARO, Alysson. Estado e forma política. São Paulo: Boitempo, 2013.
MÜLLER, Friedrich. Quem é o povo? A questão fundamental da democracia. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.
NASCIMENTO, Silvania Sousa do. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana. Museus: dos Gabinetes de Curiosidades e à Museologia Moderna. Belo Horizonte; Brasília: Argumentum: CNPq, 2005.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.
SUANO, Marlene. O que é Museu. São Paulo: Brasiliense, 1986.
POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

Museus e Biodiversidade (04 créditos – 72h/a)

Ementa: Museus e Sustentabilidade; Correntes do movimento ambientalista; Educação ambiental e Educação museal.

Bibliografia Básica

BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental. Florianópolis: 3ª ed. Argos, 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAGAS, Mario; STUDART, Denise; STORINO, Claudia (Org). Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial, ABM, 2014.

Bibliografia Complementar

BORON, A.; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. (Orgs.) A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires: Clacso, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CROSBY, Alfred. Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 2001.

LEIS, Héctor Ricardo. A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Petropolis: Vozes; Florianópolis: UFSC, 1999.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Movimento Ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política. Rio de Janeiro: 2ª ed. Quartet, 2006a.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo: Cortez, 2006b.

LÖWY, Michael. Ecologia e Socialismo. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política (Livro 1, Vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MOREIRA, Roberto José. Terra, poder e território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, Wagner Costa. A ordem ambiental internacional. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, CES, 2009b.

Antropologia Brasileira (04 créditos, 72h/a)

Ementa: História da antropologia no Brasil. A questão nacional. Conceitos, questões e tendências da antropologia no Brasil.

Bibliografia Básica:

- CORREA, Mariza. História da Antropologia no Brasil (1930-1960). São Paulo: Vértica, 1987.
- FERNANDEZ, Florestan. A organização social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1963.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1961.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa em Itá: amazonas. São Paulo: Companhia Editorial Nacional. 1955.
- MICELI, Sérgio (org.). O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995) v.1: Antropologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs; Brasília: Capes.

Bibliografia Complementar

- ARRUTI, José Maurício Andion Arruti. 1995. A Narrativa do Fazimento, ou, por uma Antropologia Brasileira. Novos estudos, nº 4: 235-243.
- BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. 1959. Brancos e negros em São Paulo. São Paulo: Editora Nacional.
- BASTIDE, Roger. 1971. As Religiões Africanas no Brasil. 2a. ed. São Paulo: Pioneira.
- CANDIDO, Antonio. 1971. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades.
- CORREA, Mariza. 1988. Traficantes do Excêntrico: os antropólogos no BRASIL dos anos 30 aos 60. Revista brasileira de ciências sociais, 3(6): 79-98.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1979. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Da Matta, Roberto e Laraia, Roque de Barros. 1978. Índios e Castanheiros: A Empresa Extrativista e os Índios no Médio Tocantins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Edição.
7. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. 2008. Tradução Cultural na Antropologia dos anos 1930-1950: as expedições de Claude Lévi-Strauss e de Charles Wagley à Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 31-49.
- FARIA, Luis de Castro. 1977. Eduardo Galvão (1921-1976). Anuário Antropológico/76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 347-352.
- FERNANDEZ, Florestan. 1963. A Organização Social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- GALVÃO, Eduardo. 1960. Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, nº 8. P. 1-41. Belém- PA. (Republicado em: GALVÃO, Eduardo. 1979. Encontro de Sociedades: Índios e brancos no Brasil, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GALVÃO, Eduardo. 1967. Guia de Exposições de Antropologia. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém-PA: Gráfica Falangola Editora.
- LARAIA, Roque de Barros. 2008. Homenagem aos Fundadores. Trajetórias Convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. Mana, vol.14, nº 2.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986. "São Paulo" In Tristes Trópicos. Lisboa: Perspectiva do Homem. Edições 70.

- MELATTI, Julio César. 1984. "A antropologia no Brasil: um roteiro". In Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais – BIB, 17.
- MELATTI, Julio Cesar. 1993. Índios do Brasil. São Paulo- Brasília: Edunb/ Hucitec.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. 1974. Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades.
- MORSE, Richard. 1990. O espelho de próspero. São Paulo: Cia das Letras.
- OLIVEIRA, João Pacheco. 2008. Um semeador da Antropologia: Os antropólogos como nativos e seus ritos. *Mana*, 14(2): 587-596.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. "O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?" *Anuário Antropológico*, 85: 227-246.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. 1978. A Sociologia do Brasil Indígena. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- PEIRANO, Marisa. 1980. Uma antropologia no Plural: três experiências contemporâneas. Brasília: UNB.
- PEIRANO, Marisa. 1995. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PEIXOTO, Fernanda Aréas. 2000. Diálogos Brasileiros: Uma análise da Obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- QUEIROS, Maria Isaura de. 1983. Os anos brasileiros de Roger Bastide. In Maria Isaura de Queiros (org.), Roger Bastide. São Paulo: Editora Ática.
- RAMOS, Alcida Rita. 1994. Sociedades Indígenas. São Paulo: Editora Ática.
- RAMOS, Alcida. 1990. Ethnology Brazilian Style. *Cultural Anthropology*, Vol. 5(4): 52-472.
- RIBEIRO, Darcy. 1996. Os Índios e a Civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANTOS, Sílvio Coelho (org.). 2006. Memória da Antropologia no Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, ABA.
- SCHADEN, Egon. 1984. Os primeiros tempos da Antropologia em São Paulo. *Anuário Antropológico* 82. Fortaleza/Rio de Janeiro, Edições UFC/Tempo Brasileiro, pp. 251-258.
- SCHWARCZ, Lilia. 1993. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras.
- VELHO, Otávio. 1983. "Os processos sociais no Brasil pós-64: as Ciências Sociais" In SORJ, B. e ALMEIDA, (orgs.) *Sociedade e Política no Brasil pós-64*. São Paulo: Brasiliense.
- SCHWARTZMAN, Simon. 1979. Formação da comunidade científica no Brasil. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. Nacional.
- SEEGER, Anthony. 1982. Sociedades Dialéticas: As Sociedades Jê e os seus Antropólogos. *Anuário Antropológico/80*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 305-312.
- SEEGER, Anthony; Da Matta, Roberto & Castro, Eduardo Batalha Viveiros de. 1987. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA Fº, João Pacheco de (org.), *Sociedades Indígenas e indigenismo no Brasil. Estudos críticos e propositivos para abordagem às sociedades indígenas e ao indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da UFRJ/Editora Marco Zero.

- SILVA, Orlando Sampaio. 2007. Eduardo Galvão: Índios e Caboclos. São Paulo: Annablume.
- SKIDMORE, Thomas. 1976. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VELHO, Otávio. 1980. “Antropologia para sueco ver”, Dados. Revista de Ciências Sociais, 23 (1): 19-91.
- WAGLEY, Charles. 1988. Uma Comunidade Amazônica: Estudo do homem nos trópicos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Cultura Brasileira (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Significados e dinâmicas da Cultura Brasileira. Estudos antropológicos sobre Cultura Brasileira. Conceitos de Cultura Brasileira. Artes no Brasil. Literaturas no período colonial e contemporâneo. Cultura popular e folclore. Comunicação de massa.

Bibliografia Básica

- ORTIZ, Renato. 1985. *Cultura Popular e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- DA MATTA, Roberto. 1990. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- VIANNA, Hermano. 1995. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 2a. ed.
- FRY, Peter. 1982. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bibliografia Complementar

- BASTOS, Rafael. J. de. 1996. “A “Origem do Samba” como Invenção do Brasil (por que as canções têm música?)”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 31:
- BIRMAN, Patricia. 2003. “Sobre o mal à brasileira e o mal-estar que nos acompanha”, in: *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 4, n.4, jul/2003.
- BOSI, Alfredo. 1992. “Plural, mas não caótico”. In: *Cultura Brasileira: Temas e Situações* (Org. do Autor), São Paulo, Atica.
- CARVALHO, José J. [1994]. ‘O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade’, in: MOREIRA, A & ZICMAN, R (orgs.) *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes/UFS-IFAN.
- DAMATTA, Roberto. “Treze pontos riscados em torno da Cultura Popular”, in: *Anuário Antropológico* 92, Rio: Tempo Brasileiro, 1994. pp. 49-67
- DAMATTA, Roberto. 1985. “Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil”, in: *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*, São Paulo: Brasiliense.
- DAMATTA, Roberto. 1985. “Morte: A morte nas sociedades relacionais-reflexões a partir do caso brasileiro”, in: *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*, São Paulo: Brasiliense.
- DAMATTA, Roberto. 1981. *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- DAMATTA, Roberto. 1982. *A Violência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- DAMATTA, Roberto. 1991. *O que faz o Brasil, Brasil?*, Rio: Rocco.
- DUARTE, Luiz F. 1986. *Da Vida Nervosa na Classes Trabalhadoras Urbanas*, Rio: Jorge Zahar.
- GASPAR, Maria Dulce. 1988. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GREENFIELD, Sidney M [1985] ‘Romarias: terapia e a ligação entre as curas e a imaginação’, in: CAVALCANTE, A M (org.) *Fé, Saúde e Poder*. Fortaleza: Ed. UFCe.
- FONSECA, Claudia. 1991. “Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n. 15.
- MALUF, Sônia. 2002. *Mitos Coletivos e Narrativas Pessoais: Cura Ritual e Trabalho Terapêutico nas Culturas da Nova Era* (Manuscrito).

- PAULILO, Maria Iñez. O Peso do Trabalho Leve. *Ciencia Hoje* 5(8), 1986.
- OLIVEN, Ruben G. "O nacional e o regional na construção da identidade brasileira", "Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho», in: *A parte e o todo: diversidade cultura no Brasil-Nação*.
- RIBEIRO, Darcy. 1979. "Sobre o óbvio, in: *Ensaio Insólitos*. Porto Alegre: L&PM.
- RODRIGUES, José C. 1992. "Quando a morte é festa", in: *Antropologia do Poder*. Rio: Terra Nova.
- RABELO, M C [1994] 'Religião, ritual e cura ', in: ALVES, P C & MINAYO, M C S (orgs) *Saúde e Doença: Um Olhar Antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- RIFIÓTIS, Theophilos. 1999. "Nos campos da violência: diferença e positividade", in: *Antropologia em Primeira Mão (Programa de Pós- graduação em Antropologia Social / UFSC)*, (19).
- SANCHIS, P. 1997. "O campo religioso contemporâneo no Brasil", In: ORO, A.P. & STEIL, C.A. (orgs.) *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes.
- VELHO, Gilberto. 1978. "Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea", in: FIGUEIRA, Sérvulo A. (coord) *Sociedade e Saúde Mental*. Rio: Campus.

Relações Interétnicas (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Grupos étnicos. Processos sócio-culturais de construção de identidade étnicas. Particularidades históricas e processos de diferenciação. Etnicidades e questões raciais, acomodações e conflitos. Sociedades pluriétnicas, cultura e política.

Bibliografia Básica

- BARTH, Fredrik. 2000. O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra-Capa Livraria.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1972. Identidade, Etnia e Estrutura Social: São Paulo: Pioneira.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. 1986. Antropologia no Brasil: Mito, História, Etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP.
- HALL, Stuart. 2003. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- POUTIGNAT, Philippe e Jocelyne Streiff-Fenart. 1998. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- SANSONE, Livio. 2003. Negritude sem Etnicidade: O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra no Brasil. Salvador: Pallas.

Bibliografia Complementar

- ALMEIDA, Miguel Vale de. 2000. Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade. Oeiras: Editora Celta, 2000.
- AZEVEDO, Thales de. 1976. Catequeses e Aculturação”. In E. Schaden, Leituras de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 63-86.
- BAINES, Stephen Grant. 1992. A Política Governamental e os Waimiri- Atroari: Administrações Indigenistas, Mineração de Estanho e a Construção da Autodeterminação Indígena Dirigida. Série Antropologia Nº 126, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB.
- BARTOLOME, Miguel. 1998. Procesos Civilizatorios, Pluralismo Cultural y Autonomías Étnicas em América Latina. In M. Bartolomé e A. Barabas (orgs.), Autonomías Étnicas y Estados Nacionales. México: Conaculta – INAH.
- BUCHILLET, Dominique. 1995. Contas de Vidro, Enfeites de Branco e Potes de Malaria: Epidemiologia e Representações de Doenças Infecciosas Entre os Desana. Série Antropologia, Nº 187, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1978. A Sociologia do Brasil Indígena. Rio de Janeiro: Tempo Universitário.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1976. Do Índio ao Bugre. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. O Índio e o Mundo dos Brancos. Campinas: Editora da Unicamp.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 2002. Os Diários e suas Margens: Viagem aos Territórios Terêna e Tükúna. Brasília: Editora UnB.
- GALVÃO, Eduardo. 1979. Encontro de Sociedades: Índios e Brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. 1984. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LARAIA, Roque de Barros. 1967. Índios e Castanheiros. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. Ensaio em Antropologia Histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- RAMOS, Alcida. 1993. Nações Dentro da Nação: Um Desencontro de Ideologias. Série Antropologia, nº 94, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB.
- RAMOS, Alcida. 1990. A Retórica do Indigenismo. Série Antropologia Nº 94, Brasília: Departamento de Antropologia UnB.
- RAMOS, Alcida. 1992. Os Direitos do Índio no Brasil: Na Encruzilhada da Cidadania. Série Antropologia, nº 116, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB.
- RAMOS, Alcida. 1995. O Índio Hiper-real. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Anpocs, nº 28.
- RAMOS, Alcida. 1990. Indigenismo de Resultados. Tempo Brasileiro, nº 100. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- RAMOS, Alcida. 1990. Vozes Indígenas: O Contato Vivido e Contado. Anuário Antropológico/87. Brasília: Editora UnB, Tempo Brasileiro.
- RIBEIRO, Darcy, 1979. Os Índios e a Civilização. Petrópolis: Editora Vozes.
- RIBEIRO, Darcy. 1970. Os Índios e a Civilização. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- SAID, Edward. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SEYFERTH, Giralda. 1990. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Editora UnB.
- SEYFERTH, Giralda. 1982. Nacionalismo e Identidade Étnica: A Ideologia Germanista e o Grupo Étnico Teuto-brasileiro Numa Comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

Estudos Afro-Brasileiros (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Relações Raciais e racismo no Brasil. Relações interétnicas e identidade étnica. Estudos sobre os Negros no Brasil.

Bibliografia Básica

SCHWARCZ, Lilia K.Moritz. Questão Racial e Etnicidade. In: BIB – o que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo, Cortez/Anpocs, 1998 p. 267-322
FLEISCHER, Edir Resende. A longa viagem de 1800 a 1999: breve revisão bibliográfica sobre os estudos afro-brasileiros. IN: Revista Humanidades, Brasília UNB, novembro 99:160-175.

MOTTA, Antonio & Luiz Oliveira. Made in África: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e as continuidades do Atlântico Negro. In: SANSONE, Lívio (Org.) Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades. Salvador: EDUFBA, 2012, p.213-2261.

MARTINEZ, Echazábal, Lourdes. O culturalismo no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? IN: MAIO, Marcos C. e Ricardo Ventura, Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996 pp.107-123.

Bibliografia Complementar

MAIO, Marcos Chor e Ricardo Ventura Santos (orgs.) Parte III: O Brasil como “laboratório Racial”: os estudos sobre relações raciais entre os anos 40 e 60. Op. Cit, pp143-203.(cap.8, 9, 10, 11.

LEITE, Ilka Boaventura (Org). Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. Negros do Sul do Brasil – Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

SOUZA, Marcelo de Salette. Artistas negros do século XIX. In: FELINTO, Renata (Org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora. 2012. p. 77-82

BISPO, Alexandre Araujo. Arte afro-brasileira: uma arte do Brasil mestiço. In FELINTO, Renata (Org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora. 2012. p. 83-91.

VIANA, Janaina Barros Silva e VIANA, Wagner Leite. Olhar e ser visto: produção autoral negra no espelho da arte brasileira. In FELINTO, Renata (Org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora. 2012. p. 93-99.

FELINTO, Renata. A representação do negro nas artes plásticas brasileiras: diálogos e identidades. In FELINTO, Renata (Org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora. 2012. p. 101-107.

Identidades e Diversidade (04 créditos, 72h/a)

Ementa: A construção de identidades sociais. Territorialidade, fronteiras simbólicas e etnicidade. Políticas de identidade e minorias como questões sociais e antropológicas

Bibliografia Básica

RENK, Arlene. A nação brasileira. IN: _____.A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Chapecó: Grifos, 1997, p. 95- 162.
MARTINS, Pedro. Deslocamentos e itinerários: uma caracterização da comunidade Cafuza. IN:_____.Sertão de Azulá: a comunidade cafuza em perspectiva. Florianópolis : NUER, 2001, p. 19-38.
SEYFERTH, Giralda. Imigração e identidade étnica. IN:____.Imigração e Cultura no Brasil. Brasília : editora: Universidade de Brasília, 1980, p. 79-96.
BERTUSSI, Mayra Lafoz. O Porco não perde do rumo: territorialidade num criador comunitário. Liberdade para criar: um estudo etnográfico sobre os sentidos da territorialidade tradicional e do criadouro comunitário em uma comunidade Faxinal do Paraná. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Programa de pós – graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. P. 108-134

Bibliografia Complementar

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e as fronteiras da antropologia. IN____O papel social do antropólogo: a aplicação do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro : E-papers, 2010, p.21-34.
LEITE, Ilka Boaventura.Territórios de Negros em Área Rural e Urbana: algumas questões. Textos e Debates. Terras e Territórios de Negros no Brasil. V. 1, n. 2 NUER/PPGAS, 1991, p. 39-46.
LEITE, Ilka Boaventura (Org.).Negros no sul do Brasil. Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
ALMEIDA, Alfredo Wagner. Terra tradicionalmente ocupada. IN: __LIMA, Antonio Carlos de Souza. Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro : Brasília : Contra capa/LACED/ Associação Brasileira de Antropologia, 2012, p.375-390.
MOURA, Marcelo. Quilombos e suas reminiscências. IN:____.Reminiscências dos quilombos. Território da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2012, p. 33- 62.
GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, MARILDA APARECIDA DE; Marin, Rosa Acevedo. (Orgs.) Diversidade do campesinato: expressões e categorias Estratégias de reprodução social. volume 2, p. 9 – 18.

Antropologia dos Objetos (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Objetos materiais na história da antropologia social e cultural. Interpretações antropológicas sobre os objetos materiais. Transformações e reclassificações. Desafios na pesquisa de coleções e arquivos etnográficos. Antropologia e Consumo, cultura material e pessoas.

Bibliografia Básica

BOAS, Franz, "Os princípios da classificação etnológica" In: STOCKING Jr., George W. (org). Franz Boas - A formação da Antropologia americana – 1883-1911. Antologia. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2004, pp. 85-92.

BOAS, Franz, "Arte Primitiva". (Existe uma versão portuguesa, mas não a tenho; Versão espanhola, francesa ou inglesa). Cap. sobre o "Estilo".

MALINOWSKI, Bronislaw. "As canoas e a navegação" e "A construção cerimonial de uma waga" In: _____. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, pp. 87-116.

MAUSS, Marcel. "Sur les variations saisonnières des sociétés eskimos. Étude de morphologie sociale." In: _____. Sociologie et anthropologie. Paris: Presses Universitaires de France, 1985, pp. 389- 477 (Tradução brasileira: Mauss, Marcel. "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós". In: _____. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 425-505).

Bibliografia Complementar

BAUDRILLARD, Jean, O Sistema dos Objetos, 1989.

APPADURAI, Arjun. "Introduction: commodities and the politics of value". In: _____. (org). The social life of things. Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 3-63 (há edição em português pela EDUFF).

KOPYTOFF, Igor. "The cultural biography of things : commoditization as process. In: APPADURAI, Arjun. (org). The social life of things. Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 64-91. (há edição em português pela EDUFF)

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais, In Horizontes Antropológicos n°37, p. 25-44, 2012

História de Santa Catarina (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Estudo da História e da historiografia catarinense e as formas de abordagens didático-pedagógicas.

Bibliografia Básica

- BOITEUX, Lucas Alexandre. Notas para a História Catarinense. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.
- BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia (org.). História de Santa Catarina no século XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia.(org.). História de Santa Catarina nos séculos XVI a XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- BRANCHER, Ana (org.). História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Florianópolis/Rio de Janeiro: Laudes/Sec, 1970.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. v.1 Memória e v.2 Notícia. Florianópolis: Lunardelli.

Bibliografia Complementar

- CORREA, Carlos Humberto P. Um Estado entre Duas Repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina até 1935. Florianópolis: UFSC/LUNARDELLI, 1984.
- COSTA, Licurgo. O Continente das Lagens e sua influência no sertão da Terra firme. Florianópolis: FCC Edições, 1982.
- DALLABRIDA, Norberto (org.). Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
- FAVERI, Marlene de. Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC; Itajaí: Univali, 2004.
- FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri (org.). Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. A farra do boi: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Oktoberfest: festa, cultura e turismo na estação do Chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- KLUG, João. Imigração e luteranismo em Santa Catarina: A comunidade alemã de Desterro - Florianópolis. Florianópolis: Papa-livro, 1994.
- LEITE, Ilka Boaventura. Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- LUZ, Aujor Ávila da. Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Fpolis: s/ed, 1952.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado. Campinas: Unicamp, 2004.
- MEIRINHO, Jali. A República em Santa Catarina 1889-1900. Florianópolis: UFSC, 1982.

MORGA, Antônio E. (org.). História das mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Argos, 2001.

NECKEL, Roselane. A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: Ed. UFSC, 2003.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe. Fpolis: UFSC, 1994.

PEDRO, Joana Maria. Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX. Florianópolis: UFSC, 1995.

PIAZZA, Walter Fernando. O escravo numa economia minifundiária. Florianópolis: UDESC; São Paulo: Resenha Universitária. 1975.

RAMPINELLI, Waldir José (org.). História e Poder: A Reprodução das Elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

RENK, Arlene. A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

SERPA, Élio C. Igreja e Poder. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SEYFERTH, Giralda.. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SOUZA, Rogério Luiz de. Uma história inacabada: cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

VOLPATO, Terezinha Gascho. A Pirita Humana. Os mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

História da Cultura (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Evolução cultural da humanidade: aspectos filosóficos, científicos, artísticos e literários.

Bibliografia Básica

BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna. São Paulo: editora Schwarcz Ltda., 1989.

HOLANDA, S.B. & GONÇALVES, M. Cultura e participação nos anos 60. 8a., ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.

LARRAIA, R. de Barros. Cultura - um conceito antropológico. 4a. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

Bibliografia Complementar

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira. 1933-1974. São Paulo: Ática, 1990.

MORSE, Richard. O espelho dos prósperos - cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense. Coleção Tudo é História.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Cultura & Linguagem. ANPUH: Marco Zero, vol. 8, n.º 15, 1987.

SANTOS. José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos.

Tópico Especial: História, Patrimônio Cultural e Memória (04 créditos, 72h/a)

Ementa: O patrimônio cultural como bens tangíveis e intangíveis. As representações do passado e da memória na construção de identidades e tradições. A espetacularização do patrimônio cultural e o turismo. Historicidades e conflitos no campo das políticas preservacionistas.

Bibliografia Básica:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (orgs.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond/MinC/Iphan, 2007.

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

AMBROSE, Timothy & PAINE, Crispin. Museum basics. London, ICOM, 1995.

Bibliografia Complementar:

ARANTES, Antônio Augusto. (org). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1994.

CORREA, T.G. (org). Turismo e lazer: São Paulo, EDICON, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2000.

Laboratório de Ensino de História Oral (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Desenvolvimento de uma reflexão sobre a pesquisa histórica através da utilização da metodologia da “História Oral” de maneira a habilitar os alunos para a realização de projetos de ensino utilizando essa metodologia nos vários níveis de atuação.

Bibliografia Básica:

ALBERTI, Verena. História Oral: A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

AMADO, Janaína (Org.) Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade-Lembranças de Velhos. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1979.

CALDAS, Alberto Lins. Oralidade, Texto e História: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

Bibliografia Complementar:

DUBY, Georges; LARDREAU, GUY. A Memória e o Que Ela Esquece. In: Diálogos Sobre a Nova História. Tradução de Tereza Meneses: Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.

FÉLIX, Loiva Otero. História e Memória: a Problemática da Pesquisa. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

FENTRESS, James; WCKHAM, Chris. Memória Social, Novas Perspectivas sobre o Passado. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

FONSECA, Selva Guimarães. Ser professor no Brasil: História Oral de Vida. Campinas: Papirus, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie; BENJAMIN, Walter. Memória e Libertação. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GARBINATTO, Valeska. Ensino de História e Patrimônio histórico: pontes para construção da memória e cidadania. In: Revista Ciências e Letras, nº 27, Porto Alegre: FAPA, 2000, p.37-48.

Introdução aos Estudos Históricos (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Discussão introdutória sobre a construção do conhecimento histórico através do estudo das fontes, da discussão bibliográfica e da forma narrativa.

Bibliografia Básica

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ARIÉS, Philippe. O tempo da história. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1989.

BESSELER, José van den. Introdução aos Estudos Históricos. São Paulo: EPU, 1973.

Bibliografia Complementar

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BRAUDEL, Fernand. Reflexões sobre a História. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia, São Paulo: UNESP, 1991.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP/SP, 1992.

CARR, Edward. Que é História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

COLLINGWOOD, R. G. A Idéia de História. Lisboa: Presença, 1978.

História Indígena (04 créditos, 72h/a)

Ementa: Estudo das populações indígenas no Brasil e das políticas indigenistas, bem como sobre as diferentes abordagens historiográficas relativas à representação dessas populações entre os séculos XVI e XXI e suas perspectivas teóricas e de ensino.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ALMEIDA, Rita. O diretório dos Índios - um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII. Brasília: Editora UNB, 1997.

BANIWA, Gersem. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais. Chapeco: ARGOS: Ed. da UFSC, 2010.

CAPISTRANO DE ABREU, João. Capítulos de história Colonial: 1500-1800 & Os Caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.

Bibliografia Complementar:

BRINGMANN, Sandor Fernando. Índios, colonos e fazendeiros: conflitos interculturais e resistência Kaingang nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

ERTHAL, Regina de Carvalho; SAMPAIO, Patrícia Melo. Rastros da Memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia. Manaus: EDUA, 2006.

GAMBINI, Roberto. O Espelho Índio - os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GOMES, Mércio Pereira. Os Índios e o Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

GRUPIONI, Luís Donisete B.(org.) Índios no Brasil. 4ª Ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 2000.

JUNQUEIRA, Carmen; BARUZZI, Roberto Geraldo. Parque Indígena do Xingu: saúde, cultura e história. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

MAGALHÃES, Edvard D. Legislação Indigenista Brasileira e Normas Correlatas. 3ª edição. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2005.